

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS**

ANDREZA CRYSTINNE DA COSTA DOS SANTOS

**“LESTAT WAS NEVER THE VAMPIRE I AM”:
A vampironormatividade de Louis e Lestat em *Interview with the vampire* (2014 [1976]) à
luz dos estudos queer**

PARNAÍBA

2024

ANDREZA CRYSTINNE DA COSTA DOS SANTOS

“LESTAT WAS NEVER THE VAMPIRE I AM”:

A vampironormatividade de Louis e Lestat em *Interview with the vampire* (2014 [1976]) à luz dos estudos queer

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês, sob a orientação do professor Doutor Ruan Nunes Silva.

Linha de Pesquisa: Estudos Literários

PARNAÍBA

2024

S237l Santos, Andreza Crystinne da Costa dos.

"Lestat was never the vampire I am": a vampironormatividade de Louis e Lestat em Interview with the vampire (2014 [1976]) à luz dos estudos queer / Andreza Crystinne da Costa dos Santos. - 2024.

54f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba - PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes Silva".

1. Gênero e Sexualidade. 2. Heteronormatividade. 3. Interview with the vampire (2014[1976]). 4. Vampironormatividade. I. Silva, Ruan Nunes . II. Título.

CDD 420

ANDREZA CRYSTINNE DA COSTA DOS SANTOS

“LESTAT WAS NEVER THE VAMPIRE I AM”:

A vampironormatividade de Louis e Lestat em *Interview with the vampire* (2014 [1976]) à luz dos estudos queer

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras Inglês, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês, sob orientação do professor Doutor Ruan Nunes Silva.

Linha de Pesquisa: Estudos Literários

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Orientador: **Doutor Ruan Nunes Silva**
Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira

Professora Convidada: **Doutora Renata Cristina da Cunha**
Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira

Professor Convidado: **Doutor Rubenil da Silva Oliveira**
Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal

APROVADA EM 18 DE DEZEMBRO DE 2024

Dedico este trabalho a Andreza Crystinne do passado, que não desistiu de viver e lutar por um futuro melhor e a Andreza *Crystinne do futuro, começamos aqui! Continue lutando!*

Agradeço primeiramente a espiritualidade. Nos dias mais árduos foi a você babá Esú, Ayrá, e Ogun que me deram a força, o discernimento e a concentração. Nos momentos em que me senti sem rumo, me conectar com meu sagrado em busca de direção, foi de extrema importância para conseguir motivação. AXÉ!

Agradeço aos meus pais, que desde a minha infância buscaram recursos e oportunidades em prol do meu estudo. Dedicaram parte da vida trabalhando para oferecer a mim e minha irmã as oportunidades que eles não tiveram.

Agradeço aos meus professores Ruan e Renata. Dois exemplos de profissionalismo e compromisso, que definitivamente levarei de inspiração para a vida. Espero que possa ser pelo menos 1% do que vocês são. Graças a vocês eu melhorei muito não só como pessoa, mas como profissional. Obrigado por todos os ensinamentos e puxões de orelha que recebi como uma maneira de melhorar, sempre.

As amizades que a universidade me proporcionou: Brenda, Isabela, Natalia, Wallacy, Franciel, Hellen, dentre outros. A lista é extensa para mencionar os momentos alegres, divertidos e preciosos que vivi ao lado de todos. Em síntese, desejo que o futuro de vocês, seja sempre próspero, que tenham uma vida profissional de muito sucesso.

Ao meu professor de capoeira, Lucas Bode. Você foi uma das pessoas mais incríveis que a vida me presenteou. Você sempre será para mim, um exemplo de professor, pai, amigo e ser humano. Obrigado por sempre acreditar no meu potencial. Sua memória estará para sempre guardada comigo. SALVE!

Ao meu Yuki e Bolinha, que sempre me recebiam com alegria ao chegar em casa. Minhas estrelinhas, vocês tornaram os meus dias mais felizes aqui nesse plano. Perdê-los foi um dos momentos mais dolorosos

da minha vida, mas sei que estão em um lugar melhor agora. Para sempre irei amar vocês!

Agradeço aos componentes da banca que gentilmente aceitaram e fizeram parte deste momento sublime da minha vida profissional. Gostaria de expressar minha gratidão por todos os comentários construtivos e elogios a este trabalho. O olhar acadêmico e a sabedoria de vocês me ajudaram a incrementar o capricho para tornar esta pesquisa ainda mais linda.

Aos professores do curso de Letras Inglês, sei que um pedaço de cada ensinamento fica registrado em mim. Sou grata por todos os conselhos, elogios, críticas construtivas e por disponibilizarem tempo e conhecimento todas as vezes em que precisava corrigir ou revisar trabalhos acadêmicos.

Agradeço ao amor da vida, Dília, que sempre me incentivou e esteve presente nos momentos de estudo, por dedicar seu tempo e paciência em me ensinar a escrever materiais acadêmicos, sentar ao meu lado por horas estudando, ler meus materiais e compartilhar conhecimento. Sei que você será uma pedagoga maravilhosa, pois aprendi com você que dedicação e compromisso são essenciais para ser um bom profissional.

Agradeço por ter conhecido aos 45 do segundo tempo, a arte suave - jiu jítso, que além de me ensinar a disciplina diariamente, me mostrou que quando temos convicção do que queremos ser, medo nenhum é capaz de intimidar. Sou grata por ter mestres exemplares que diariamente reafirmam essa postura e ensinamento. OSS!

A todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho e que eu não consegui lembrar, OBRIGADO!

SANTOS, A.C.C. **“Lestat was never the vampire I am”**: A vampironormatividade de Louis e Lestat na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]) à luz dos Estudos Queer. Monografia 54.p 2024 (Graduação em Letras – Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus de Parnaíba, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa discorre como a sociedade impõe comportamentos e normas sociais e internalizam em espaços fictícios. A obra literária destaque desta pesquisa é o livro *Interview with the vampire* (2014[1976]) escrito por Anne Rice e publicada em 1976, narra a trajetória de dois vampiros, Louis e Lestat. Ambos vivenciavam seus conflitos por adotarem comportamentos opostos e as normas incitavam quem poderia ser ou não vampiro. Com base nisso, a pesquisa propôs-se a responder à seguinte questão: De que forma a heteronormatividade se transforma em vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]) à luz dos Estudos Queer? A fim de responder essa pergunta, o seguinte objetivo geral foi proposto: Investigar de que forma a heteronormatividade se transforma em vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]) à luz dos estudos queer? Para alcançar este objetivo, estabelecemos os objetivos específicos: (i) Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer, à luz dos conceitos de gênero e sexualidade, heteronormatividade; (ii) Identificar quais aspectos da heteronormatividade podem ser aplicados na vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]); (iii) Saber como os aspectos da vampironormatividade afetam o relacionamento entre os personagens Louis e Lestat na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]). Em termos de metodologia, realizamos uma investigação com abordagem qualitativa, na modalidade bibliográfica e de cunho exploratório sob as contribuições de nomes como Lois Tyson (2015), Joan Scott (2019), Gayle Rubin (2017), Scott Morgensen (2021) e Judith Butler (2021). As análises destacaram que Louis e Lestat vivenciavam um relacionamento problematizado pela sociedade. A vampironormatividade reforça a ideia de que embora um vampiro busque reconhecer sua identidade, sua própria espécie o ameaça e procura punições do mundo externo para que seu comportamento seja reprimido e silenciado.

Palavras-chave: Estudos queer; gênero e sexualidade; heteronormatividade; *Interview with the vampire* (2014[1976]); vampironormatividade.

SANTOS, A.C.C. **“Lestat was never the vampire I am”**: The vampirenormativity of Louis and Lestat in the literary work *Interview with the vampire* (2014[1976]) in light of Queer studies. Monograph 54.p 2024 (B.A. in English) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus de Parnaíba, 2024.

ABSTRACT

This research discusses how the society imposes behaviors and social norms and internalizes them in fictional spaces. The literary work highlighted in this research is the book *Interview with the vampire* (2014[1976]) written by Anne Rice and published in 1976, tells the story of two vampires, Louis and Lestat. Both experienced their conflicts by adopting opposite behaviors, and the standards that determined who could or could not be a vampire. Based on this, this research aims to answer the following question: How does heteronormativity becomes vampirenormativity in the literary work *Interview with the vampire* (2014[1976]) in light of queer studies? In order to answer this question, the following general objective was proposed: To investigate how does heteronormativity becomes vampirenormativity in the literary work *Interview with the vampire* (2014[1976]) in light of queer studies. To achieve this objective, we established specific objectives: (i) To discuss the theoretical presumptions of queer studies, with emphasis on the concepts of gender and sexuality, heteronormativity; (ii) To identify which aspects of heteronormativity can be applied to vampirenormativity in the literary work *Interview with the vampire* (2014[1976]); (iii) To know how the aspects of vampirenormativity affect the relationship between the characters Louis and Lestat in the literary work *Interview with the vampire* (2014[1976]). As far as methodology is concerned, we carried out an investigation with a qualitative approach, in the bibliographical modality as well as exploratory. This analysis takes into account the theoretical contributions of theorists such as Lois Tyson (2015), Joan Scott (2019), Gayle Rubin (2017), Scott Morgensen (2021) and Judith Butler (2021). The analyses highlighted that Louis and Lestat experienced a relationship that was problematized by society. Vampirenormativity states the idea that although a vampire tries to recognize his identity, his own species threatens and punishes him and his behavior is repressed and silenced.

Keywords: Queer studies; gender and sexuality; heteronormativity; *Interview with the vampire* (2014 [1976]); vampirenormativity.

SUMÁRIO

1 YOU WANT TO KNOW HOW IT HAPPENED...	10
2 A CRÍTICA LITERÁRIA E AS DISCUSSÕES DE GÊNERO	20
2.1 A Crítica e a Literatura	20
2.2 Os estudos queer	23
2.3 Gênero e Sexualidade	27
2.4 Heteronormatividade	31
3 O UNIVERSO VAMPÍRICO DE ANNE RICE	35
3.1 Apresentando a autora Anne Rice e <i>As crônicas vampirescas</i>	35
3.2 A vampironormatividade de Louis	37
3.3 A vampironormatividade de Lestat	44
3.4 A vampironormatividade no relacionamento de Louis e Lestat	46
4 MY LAST SUNRISE	49
REFERÊNCIAS	52

1 YOU WANT TO KNOW HOW IT HAPPENED...¹

Personagens de livros na maioria das vezes têm sido um meio de fuga, de sonho ou idealização a quem lê e se reconhece. Um personagem no qual o leitor se identifica, idealiza como figura de afeto e até mesmo uma estória que faz projeção na vida real. Diante disso, é comum o leitor desenvolver por determinados protagonistas: paixões, expectativas, anseios ou emoções que não podem ser expostas na realidade pessoal, principalmente quando esses aspectos dizem respeito a atração por pessoas do mesmo sexo². Vale lembrar que o sexo é um tema que, para os dias atuais, é ainda pautado como pecado, impureza e imoralidade. Enquanto essa onda de emoções e sensações rodeiam estas leituras, somos naturalmente levados a produzir sensações afetivas e sexuais enquanto um fator natural do corpo humano, pois somos seres capazes de sentir afeto/amor.

Desde a infância, a temática de vampiros tem sido um tópico do meu³ interesse. Sempre me fascinou o mundo sobrenatural vampiresco e a maneira dos personagens observarem/sentirem o mundo. Com *Interview with the vampire* (2014), percebi uma realidade a qual me identificava. Seres diferentes, não só no modo de se comportarem, mas também por amarem e expressarem sua intensidade de forma peculiar somente para aqueles que os reconheciam como eram. Acredito que era isso que me identificava: não precisar ser heroína, mas, ainda assim, em partes, salvar o amor platônico por uma garota.

Por conta disso, pensar em um nome para este trabalho seria escolher algo que de alguma maneira, fizesse eu me reconhecer e deixar um pouco de mim. Logo percebi que, de forma semelhante ao personagem, eu não seria uma menina/mulher como as demais meninas/mulheres que reproduzem um padrão social esperado pela sociedade. Durante a leitura da obra literária, me deparei com uma frase que expressava exatamente o que buscava.

O título desta pesquisa, “Lestat was never the vampire I am.”⁴, utilizada na capa deste trabalho, mencionada pelo personagem Louis, diz respeito a um momento após a transformação do vampiro, ele questiona seu criador a respeito das diferenças que enfrentavam. Selecionamos essa passagem por se tratar do acontecimento singular na vida do personagem principal, sua

¹ Escolhemos esta frase proferida por Louis, pois se trata do momento em que sua história começa a ser contada na entrevista.

² Devido esta palavra tratar-se de um tema complexo, utilizamos para contextualizar o leitor sobre a questão da atração entre homem e homem, mulher e mulher. No sentido que ainda não fomentamos as discussões teóricas de gênero, a palavra foi utilizada para elucidar este pensamento somente.

³ Em virtude do surgimento do interesse da problemática da pesquisa ser de cunho pessoal, optamos por escrever essa narrativa na primeira pessoa no singular.

⁴ “Lestat nunca foi um vampiro como eu. De forma alguma” (Rice, 2020, p. 27).

transformação vampírica, tornando-se o ápice para a sua vampironormatividade.⁵

Em um contexto geral, vampiros são caracterizados como criaturas sedutoras e ao mesmo tempo grotescas, de má natureza ou seres incompreendidos pela humanidade. O fato é que, vampiros são sempre descritos e apresentados como criaturas heterossexuais. No cenário literário a maioria das histórias narram personagens que sempre se relacionam de forma afetiva, com personagens de sexo oposto. Em poucas histórias é problematizado ou enfatizado um relacionamento entre duas vampiras ou dois vampiros, ou até mesmo uma donzela e uma vampira ou um jovem e um vampiro. Posto isso, era incomum para mim a noção de existência de qualquer obra que fugisse a esse padrão, até o momento em que fui apresentada ao que futuramente se tornaria uma das minhas obras literárias favoritas.

Minha trajetória com *Interview with the vampire*⁶, escrito por Anne Rice, em 1976 – ocorre em três momentos de minha jornada; fases em que, particularmente, enfrentava meus conflitos, mas ainda assim me agarrando a cada ponto de expectativa nos personagens de livros, nos amores estranhos que almejava. Cada um desses momentos contribuiu significativamente na minha identificação, por meio do que atualmente conheço como estudos queer⁷.

No primeiro momento em que fui apresentada à obra, ainda criança, em torno de dez anos de idade, por meados de 2004, assisti ao filme em um programa de TV exibido na época. Para mim, naquela ocasião, o filme era diferente de um modo que não sabia explicar o seu fascínio, mas me chamava a atenção pela primeira vez consumir um material que não se adequava aos padrões do que eu vivenciava: relacionamentos hétero em filmes e livros. Normalizar essas relações era angustiante, pois me recusava a me adequar a algo que me causava sensação de opressão.

Durante parte da infância, eram constantes falas como “comporte-se como menina” ou “você tem que agir como garota”. Foi nesse momento que comecei a questionar se era uma pessoa doente, anormal e outros adjetivos ruins somente por agir diferente do padrão sistematizado de feminilidade que a sociedade define para garotas comuns. Eu me sentia exposta sempre que essas atribuições eram proferidas em relação ao meu modo de ser/agir. Questionava se era errado pensar que um dia iria preferir casar com uma mulher ao invés de um homem, dizer isto aos meus pais me causava um pânico incessante.

O segundo momento em que a obra *Interview with the vampire* está presente na minha

⁵ De um modo geral, a vampironormatividade surge a partir da ideia de que no universo de vampiros existem normas que se assemelham a heteronormatividade. Definiremos este conceito na seção de análise.

⁶ Considerando que trabalhamos com a obra em língua inglesa, utilizamos o nome da obra em inglês.

⁷ Campo de estudo discutido e explicado na próxima seção.

vida, foi durante a minha adolescência. Assistindo novamente ao filme, percebi cenas fora do comum, que me levou a questionar se aqueles dois vampiros, Louis e Lestat, de algum modo eram um casal. Mesmo que vagamente viesse a ideia, eu gostava daquilo: um filme com um casal representando tudo que eu sentia. No sufoco do armário que eu habitava, gostava da ideia de ter uma garota ao meu lado, mas o medo de expor isso às pessoas e receio a rejeição me fazia sentir vergonha que logo se tornou em medo e fuga de contato afetivo com meninas.

No terceiro momento, já adulta, após ingresso no curso de Letras Inglês (2020.2) quando no quarto bloco fui apresentada à disciplina que transformaria completamente a minha vida e minha identidade enquanto mulher e assumidamente lésbica. A disciplina de *Crítica Literária* (2022.1), ministrada pela Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha, modificou completamente a minha ótica deste mundo e me fez compreender que as literaturas que consumia enquanto jovem eram minha base de esperança de que eu não era uma pessoa doente, que não era errado sentir atração por meninas/mulheres. Na verdade, era apenas eu, sendo quem era.

Na disciplina de Crítica Literária, fui apresentada aos estudos queer. Devido a isso foi possível compreender todas as imposições que eram atribuídas direta ou indiretamente a mim, mesmo quando não conhecia a minha identidade e orientação, antes mesmo do momento de me assumir. Então, pude compreender como foi doloroso viver no armário, ser oprimida, ser nomeada de formas pejorativas não só na escola, mas também na família. Tive meu tempo para aprender e lidar com todas estas dificuldades; contudo, ainda sobrevivo me conhecendo dia após dia, enquanto uma mulher que ama mulheres.

Por meio dos estudos queer, passei a ter uma ótica mais crítica, e foi possível compreender que ser diferente por querer um relacionamento com outra garota no âmbito em que vivia, seria repleto de julgamentos. Percebi que durante minha jornada me apegava desesperadamente a literaturas de conteúdo queer⁸ por me identificar. Dentre estas literaturas estava *Interview with the vampire*, que novamente me prendia a atenção quando assisti ao filme, por coincidência na televisão. Em virtude de conhecer o universo queer, foi possível perceber o interesse que até então adjetivava como diferente, mas, na verdade, era por ser um universo em que me reconheci.

Após o encerramento da disciplina, me vi frustrada, pois queria muito escrever um artigo sobre o filme ou até mesmo utilizar a obra em uma apresentação da temática. Adiante, movida pela curiosidade e pela inquietação para fazer algo com essa descoberta, pesquisando na

⁸ Sigla americana que possui significado semelhante ao ter brasileiro LGBTQIAPN+. Por conta da natureza desta pesquisa, a partir de agora iremos utilizar somente o termo *Queer*.

Internet descobri que o filme era inspirado em um livro de mesmo nome. Ao ler o livro, questionei o modo como até a figura de um monstro é tratada perante a sociedade, quando se trata de relações entre pessoas do mesmo gênero, instituindo como devemos nos comportar, nos obrigando a viver inseridos em padrões normativos para sobreviver. Logo, a primeira chama de iniciativa em pesquisar esse universo acendia incessantemente em mim.

Em suma, aquela Andreza Crystinne de meados de 1994 não tinha conhecimento do quão relevante é abordar essa temática na academia, representando o que hoje demoramos por *trancos e barrancos* assumir. Ademais, poder ter convicção do interesse em pesquisar por meio das lentes queer uma obra literária que sempre foi tão significativa, que faz parte do que sou, ter firmeza de tudo que vivi. Nos dias atuais posso ser resistência de muitos que na minha época viveram em omissão nos seus armários sozinhos/as, se sentindo anormais/diferentes da norma social. Investigar uma temática tão relevante é estender a mão para aqueles que estão presos de alguma forma em suas normatividades, sem saber como ou quando assumirem sua real essência.

Em primeiro plano, esta pesquisa se enquadra no campo dos estudos literários, na seara de estudos da crítica literária. Lois Tyson (2015) pontua que, por meio da crítica, podemos observar perspectivas distintas do mundo, conforme o conceito teórico que escolhemos analisar. No que diz respeito a isso, podemos investigar as problemáticas que pertencem ao meio social e, com isso, ponderar e interpretar de forma crítica as razões pelas quais a sociedade reage às questões de comportamento em relação ao espaço que ocupam, o modo como determinam os corpos por normas de acordo com cada gênero.

Deste modo, por meio da Crítica Literária, podemos utilizar a corrente dos estudos queer. Esta corrente teórica se propõe a debater temáticas como gênero, comportamento e o nosso papel social nos padrões da sociedade heterossexual e questões de normatividade - que são debatidas no espaço hétero.

No que diz respeito ao comportamento, até mesmo em espaços fictícios podemos perceber como a sociedade determina o que devemos ser de acordo com o ambiente em que convivemos. Essa configuração de violência, conforme reforçam Rosângela Matos e Wesley Ribeiro (2020, p. 2), “é oriunda de um processo de não reconhecimento do outro como humano, provido de razão e liberdade, transformando-o em coisa”, ou seja, quando o outro se opõe ao espaço normativo, se torna motivo de abjeção – algo que é observado com nojo ou desprezo.

Por consequência desse ato de violência, sujeitar-se a performar um padrão social converte a vivência como um meio de sobrevivência para ser aceito como um indivíduo normal. A respeito da violência, Matos e Ribeiro (2020, p. 2) argumentam que “a homofobia é uma série de violências que se referem a um conjunto de práticas sociais a partir do ódio explícito

e/ou implícito, persistentes ou não”. Mesmo que em um ambiente da ficção, o indivíduo quando não segue a norma estabelecida é acometido por punições tanto físicas como simbólicas.

Embora os monstros sejam figuras imaginativas, o papel social estabelecido que os descreve geralmente designa-os a um aspecto de anormalidade. Nesse sentido, convertendo a figura desse ser a um indivíduo “anormal” ao sistema, percebemos como a rejeição é instaurada, principalmente quando este indivíduo ocupa lugar de minoria. Isso ocorre principalmente quando a sociedade descreve o papel de cada um, instituindo uma normatividade até mesmo de um vampiro. Nesse segmento, podemos observar que a sociedade emprega traços de como agir e ser à figura do que é anormal, pois qualquer performance contrária se torna razão para rejeição neste espaço limitado às regras.

A arte concretiza e internaliza os significados da sociedade, em outras palavras, ela traduz as experiências que temos. Lois Tyson (2015) afirma que por meio das lentes da crítica podemos analisar diversos artefatos culturais, interpretando estas vivenciadas em personagens de obras literárias. Considerando estes embasamentos pretendemos investigar estes aspectos heteronormativos na obra literária *Interview with the vampire* (2014).

Resumidamente, a obra da autora Anne Rice narra a vivência de dois vampiros, Louis e Lestat. Narrada por meio de uma entrevista sob o ponto de vista de Louis, a história descreve como ele se tornou vampiro pelas mãos de Lestat de Lioncourt. Durante sua trajetória, ele relata com o passar dos anos como tem sido a vivência ao lado de outro vampiro e como seu conflito em se recusar a agir e ser como os vampiros comuns afeta sua vida em sociedade.

Nesse desfecho, Lestat se empenhava para impor uma heteronormatividade a Louis que se recusava a seguir a heteronormatividade de um vampiro tradicional. Louis questionava sua identidade de vampiro de forma constante e, ao mesmo tempo, Lestat insistia com a desculpa de que ao expor um comportamento contrário aos de um vampiro “normal”, ambos estariam sujeitos à exclusão social ou à morte.

A escolha desta obra literária se deu em razão da questão social de que personagens queer para aquela época de 1976, não tinham a devida visibilidade ou não eram leituras de grande interesse para o público. Atualmente, a obra vem sendo bastante especulada pela mídia por conter diversas passagens que fazem menção a um relacionamento afetivo entre os personagens principais. Com o surgimento de um seriado de TV, estas passagens foram expostas de forma explícita validando as especulações que já haviam sido apresentadas de forma sutil no filme. Nesse sentido, percebendo estas entrelinhas, atualmente podemos investigar como este relacionamento era vivenciado em sua normatividade, a vampironormatividade.

Em virtude disso, considerando a relevância das temáticas acima, foi realizada uma pesquisa por antecedentes oriundas de artigos, dissertações e teses para explorar o estado da arte, como também para inspirar os pressupostos teóricos nas contribuições desta pesquisa e para afunilar as discussões acerca da temática a ser discutida posteriormente. No que diz respeito aos critérios de inclusão, (i) discutimos antecedentes - preferencialmente oriundos de língua inglesa, (ii) que abordam discussões sobre a obra literária com ênfase no conceito desta pesquisa.

Quanto aos critérios de exclusão: (i) todo e qualquer material que não aborda a obra literária, enfatizando o conceito, (ii) pesquisas sobre a obra que não façam menção ao material desta investigação. Visto que esta pesquisa pretende atualizar as discussões acerca da obra literária, ainda, levando em consideração que a temática se trata de uma categoria inédita, os materiais selecionados serão de base para construir posteriormente o conceito de vampironormatividade. Em suma, foram encontrados um total de treze materiais antecedentes, sendo estes artigos, teses e dissertações.

Elio de Souto Junior (2016) explica em seu artigo “Lendo o vampiro na contemporaneidade: uma perspectiva crítico-queer” que a obra possuía caráter erótico e a perspectiva de uma relação entre os personagens principais. Embora as passagens do livro não fossem explícitas neste conceito, o autor apresentou análises que apontavam a perspectiva de um romance entre os personagens Louis e Lestat. O autor problematiza as passagens da obra diante das contribuições de Michel Foucault (2001), para construir a narrativa que apontam seus achados de que o comportamento do vampiro não se alicerça às normas sociais, como também estes seres não se limitam a gêneros ou normas estereotipadas.

No artigo “A Transformação Vampírica em Entrevista com o Vampiro, na obra de Neil Jordan”, Adrianna Alberti e Ramiro Giroldo (2021), analisam a obra em sua versão cinematográfica para construir a ideia que diz respeito ao comportamento normativo de um vampiro. Em seus achados, os autores pontuam que o modo tradicional como os vampiros se comportam era diferente do comportamento dos vampiros Louis e Lestat. Sob a perspectiva de Yuri Garcia (2015) e Gordon Melton (2011), os autores caracterizam essa diferença comparando a figura tradicional de vampiro – a sexualização em excesso, a figura sedutora e um comportamento menos humanizado.

Na dissertação “Entrevista com o vampiro: do romance gótico ao filme de terror” de Vanessa Assis (2013), apresenta a temática de “vampirização”. Esta ideia de vampirizar histórias de vampiros sugerem o processo de transformação em um momento imortalizado, por se tratar de algo épico seria necessário utilizar os textos literários de forma inspiradora para atingir o

ápice das cenas nas telas de cinema. O trabalho descreve como a autora Anne Rice se inspirou em sua vida pessoal para dar vida aos personagens. Além disso, é constatado que a vampirização tem relação com o autor da obra e sua inspiração de um antecessor, ou seja, para Rice criar seus vampiros, foi necessário vampiros de obras anteriores. A temática sugeriu que, para vampirizar uma obra, o autor escreve sob seu ponto de vista adotando os perfis e características que se enquadram na definição de vampiro.

Luis Lima (2007) em sua dissertação “Bloody eroticism in interview with the vampire: from literature to the audiovisual domain”⁹ investiga os aspectos de homoerotismo presentes na obra literária. São apresentadas evidências homoeróticas que sugerem uma relação entre os personagens principais, concomitante a isto, o autor problematiza a atração sexual entre vampiros de gênero masculino, baseando-se por meio de um livro em que a autora da obra, Anne Rice (1991), expõe argumentos a respeito do gênero e sexualidade dos personagens. O autor chama a atenção para a relação entre o enredo do livro e a adaptação para filme, que na perspectiva do autor a adaptação fílmica foram intencionalmente modificadas para apelar a questão da homoerotização dos personagens.

No cenário internacional, Anna Ragnarsdóttir (2019) escreve em sua tese “*The Vampires of Anne Rice From Byron to Lestat*” que a figura vampírica contém a presença de aspectos afetivos. Apresentando a ideia de constituir família entre vampiros, a autora também explica as questões sociais de Louis que envolvem não só sua relação paterna com a vampira Claudia como também apresenta os seus questionamentos no que diz respeito a sua natureza de vampiro, bem como o que seria a sua imagem vampiresca – um ser demoníaco que bebia sangue.

Diante de tais contribuições, podemos observar que, ao longo do tempo, surgem questionamentos em relação ao tipo de intimidade e relacionamento destes dois vampiros. Associando isto à nossa discussão, podemos compreender que estes questionamentos chamam a atenção para um olhar mais atencioso e que carece de uma aproximação mais teórica. Por meio das lentes dos estudos queer, podemos então propor conceituar o que seria essa normatividade vampírica. À custa desta ideia de normatividade, podemos observar que os antecedentes não explanam nenhum tipo de vampironormatividade. Entretanto, as temáticas que foram encontradas chamam a atenção para questões que envolvem a heteronormatividade, que servem de pilar para esta pesquisa. Estes artigos, dissertações e teses também cooperam com o intuito de atualizar estas problemáticas e chamam atenção para pautas que atualmente

⁹ Erotismo sangrento em entrevista com o vampiro: da literatura ao domínio audiovisual (Tradução nossa).

são relevantes e discutidas nos dias atuais. Com base nesses fundamentos e questionamentos, formulamos a pergunta que conduziu esta pesquisa.

Deste modo, esta pesquisa estima responder a seguinte pergunta: De que forma a heteronormatividade se transforma em vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014 [1976]) à luz dos estudos queer?

A fim de responder esta indagação, foi traçado o seguinte objetivo geral: Investigar de que forma a heteronormatividade se transforma em vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014 [1976]) à luz dos estudos queer. Para alcançarmos este objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer, com ênfase nos conceitos de gênero e sexualidade, heteronormatividade; Identificar quais aspectos da heteronormatividade podem ser aplicados na vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014 [1976]); Saber como os aspectos da vampironormatividade afetam o relacionamento entre os personagens Louis e Lestat na obra literária *Interview with the vampire* (2014 [1976]).

Para executar a pesquisa de maneira metódica, ética, e exequível, devemos aliar essas indagações e curiosidades que motivam a pesquisar, juntamente à ciência. Nessa lógica, a pesquisa foi conduzida em abordagens metodológicas. Marconi e Lakatos (2003, p. 221), explicam que este tipo de abordagem “responde, a um só tempo, às questões como? com quê? onde? quanto?”. Ou seja, é uma forma de conduzir a pesquisa a fim de obter respostas. Sendo assim, em relação aos tipos de abordagem, segundo José Neto (2012), pesquisas com abordagem qualitativa lidam com a investigação humana, tratando do significado imaterial. Ou seja, devido ao fato desta pesquisa analisar a subjetividade dos personagens e investigar por meio da interpretação, esta abordagem foi adotada.

No que diz respeito ao percurso dessa investigação, fundamentamos este trabalho a partir das contribuições de Gil (2008), adotamos uma investigação com abordagem qualitativa, na modalidade bibliográfica e de cunho exploratório. Visto que estas discussões partiram da análise subjetiva da pesquisadora, baseada nas fundamentações teóricas, adotamos as lentes de análise interpretativista.

Para realizar esta pesquisa, os seguintes procedimentos foram estabelecidos: a escolha do tema, a realização de um projeto de pesquisa, seleção de materiais e aquisição do objeto de estudo em língua estrangeira, reuniões e leituras de orientação para organizar o alinhamento de ideias para desenvolver a pesquisa, que, segundo Fabiana Kauark *et al* (2010), correspondem as etapas para realizar uma pesquisa de forma sistêmica.

Diante destas considerações metodológicas, devemos ponderar os campos sociais, acadêmico e pessoais que almejamos alcançar com a realização deste trabalho. No campo social, a pesquisa colabora significativamente em forma de exposição as situações de preconceito e exclusão de grupos minoritários, de modo que promovam a redução de índices de violência¹⁰ contra indivíduos que não se adequam a norma padrão. Sendo também uma forma de contribuição para dar visibilidade aqueles que assumem sua identidade que, para a norma, é posta como anormalidade.

Nesse sentido, reconhecer que estas práticas se atribuem a uma sociedade homofóbica e preconceituosa. Aos indivíduos que se opõem as normas sujeitos a atos criminosos, punitivos e a exposição a vulnerabilidade. Enquanto estes buscam reconhecimento/aceitação nessa sociedade espinhosa, assumir a identidade queer se torna por um lado um símbolo de resistência, mas por outro lado, publicamente são rotulados como pessoas anormais, seres abjetos que socialmente são adjetivados como algo que remete a nojo, impuro, doente, entre outros.

No campo acadêmico, a pesquisa se torna recurso para apontar denúncias, nesse âmbito, o almejo desta investigação possa ser utilizado como fonte de leitura acerca dos estudos queer, assim como se tornar material para desenvolvimento e incentivo a outras pesquisas a respeito das temáticas que englobam o universo literário queer. Em uma breve consulta no acervo¹¹ de monografias produzidas no curso de Letras Inglês de Parnaíba (PI) a qual a pesquisadora faz parte, constatamos que este trabalho é inédito na proposta de conceituar a vampironormatividade, e se trata de mais uma monografia pelo uso das lentes queer.

No campo pessoal, esta pesquisa contribui para a formação docente para que, no âmbito escolar ao atuar no ofício da docência ser hábil para lidar com a temática quando pautada, ter uma narrativa bem desenvolvida para adotar medidas plausíveis e éticas na presença de situações de qualquer tipo de preconceito ou atos de injúria, que afetem ou possam oprimir alunos que não se identifiquem com o padrão social de menino ou menina. Na formação acadêmica, na posição de pesquisadora, agrega para obter maior amplitude a respeito do conhecimento da temática, contribui para incentivo e desenvolvimento na área que aborde temáticas de gênero.

Por fim, o material está estruturado em quatro partes: as considerações iniciais,

¹⁰ Nesse aspecto se configuram os tipos de violência física, psicológica, verbal e institucional acometidas contra pessoas que se identificam como *queer*.

¹¹ O banco de TCCs disponíveis do curso pode ser acessado por meio do link: <https://sites.google.com/phb.uespi.br/letrasingles/banco-de-tccs?authuser=0>

intitulada por “You want to know how it happened...”, na qual apresentamos o surgimento do interesse pela pesquisa, a contextualização da temática, a pergunta da pesquisa, os objetivos, e as relevância da pesquisa a nível social, acadêmico e pessoal. A primeira seção “A Crítica Literária e as discussões de gênero” apresenta a construção histórica e as discussões acerca dos estudos queer, gênero e sexualidade e heteronormatividade. Na seção seguinte, “O Universo vampírico de Anne Rice”, apresentamos a autora e o enredo da obra literária, bem como os excertos e a análise. Por fim, nas considerações finais, “My last Sunrise”, constatamos os resultados e reflexões acerca deste trabalho, seguido das referências.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA E AS DISCUSSÕES DE GÊNERO

2.1 A Crítica e a Literatura

As produções culturais, visuais e literárias que consumimos são inspirações humanas que retratam a realidade em uma perspectiva artística. Ainda que para a maioria das pessoas estas inspirações tratem apenas de ilustrações de consumo midiático e literário, obras literárias retratam o cotidiano em diversas perspectivas. Conforme argumentam Bonnici e Zolin (2009), o senso de curiosidade do homem está ligado à forma de criticar algo. Logo, a literatura nos permite observar o mundo real por meio de panoramas subjetivos para perceber as questões sociais e por meio de leituras teóricas desenvolver as discussões de forma crítica.

Nesse sentido, uma obra literária problematiza as questões sociais que levantam as teorias para as pautas de discussões acerca das problemáticas da sociedade. A respeito dessas teorias, menciona Roberto Acízelo (2007, p. 8), “fazer da literatura um objeto de questionamento ou problematização — implica a construção de uma teoria.”. Essas construções teóricas contribuem para uma análise sobre determinados assuntos, a partir dessas análises podemos compreender as problemáticas escondidas nas entrelinhas.

Diante disso, observar essas produções literárias sob a perspectiva de problematizações ou teorizar o que se lê é criticar o modo como a arte retrata a sociedade por meio destas produções culturais. Por outra forma, seria como colocar lentes para teorizar e interpretar o que a obra diz em forma de ficção. Segundo o que Jonathan Culler elucida “The main effect of theory is the disputing of ‘common sense’: common sense views about meaning, writing, literature, experience”¹² (2000, p. 4). Dito isto, estas lentes teóricas que envolvem a literatura promovem a análise minuciosa de contextos e narrativas que buscam além de compreender problemas sociais, como também desconstruir tais questões.

Ainda, Roberto Acízelo (2007) reforça que quando teorizamos um objeto literário, sujeitamos a obra para uma problematização. Com esta problematização, necessitamos de um aparato mais teórico para problematizar este artefato. Durante o final do século XVII, onde o as obras literárias eram analisadas a partir de uma estética impressionista, assim explica Acízelo (2011, p. 33) que “se destina a público heterogêneo e cuja produção não requer formação específica, estava destinada a fazer carreira”. Em seguida, surge a proposta de uma crítica como

¹² O principal efeito da teoria é a disputa do “senso comum”: visões do senso comum sobre significado, escrita, literatura, experiência. (CULLER, 2000, p. 4)

disciplina no século XIX, realocando parte de seus conceitos com uma estética mais acadêmica.

A crítica literária durante este período passou por mudanças que ampliaram o conceito e o estudo de literaturas. Para Fabio Durão (2020, p. 21), “a crítica foi um agente na transformação do conceito de literatura, uma função que mantém até hoje. Ao diferenciar o que é bom do que não é, ela acaba agindo sobre o horizonte daquilo que se entende por “literário”. Desse modo, a maneira como utilizavam para explicar a visão de mundo passou a ter um olhar mais amplo e acessível para o público. Além disso, esse novo olhar permitia o estudo de outras literaturas para problematizar os problemas sociais.

Estas discussões teóricas vão ganhando margem no final do século XIX e início do século XX. A disciplina de Crítica Literária ganha lentes teóricas que propiciaram uma nova perspectiva não só do campo da Literatura, mas também da visão filosófica que o ser humano adotava para problematizar a sociedade. Cecil Zinani (2011) afirma que isto ocorreu movendo-se mediante o declínio dos estudos literários para o auge da crítica. À proporção que essa área expandia discursos para diversos campos como sociologia, filosofia e psicologia, a disciplina ampliou as formas de interpretar literaturas, que com o passar dos anos possibilitou novas formas de analisar não somente obras literárias, mas também outros artefatos culturais, como filmes, músicas, séries de TV.

Com o uso dessas lentes, podemos interpretar o ser humano diante de suas obras artísticas. Para Lois Tyson (2015), as lentes teóricas escolhidas, podemos observar o mundo, e cada uma dessas lentes possuem uma diferente perspectiva. De forma semelhante, Mirian Hisae Yaegashi Zappone e Vera Helena Gomes Wielewicksi (2009, p. 29) definem essa forma teórica como “formas estranhas de se ver o mundo e possibilidades de transformá-lo”. Posto isto, as lentes teóricas permitem que a percepção de uma obra possa ter análises distintas de acordo com a tematica adotada. Estas percepções ganham espaço no campo acadêmico enfatizando as problemáticas sociais por meio de discussões teóricas.

Para Zappone e Wielewicksi (2009, p. 29), “A investigação teórica permite, assim, reavaliações da realidade e novas tomadas de posições”, ou seja, as análises que interpretamos de acordo com as lentes teóricas da crítica literária, cooperam para que possamos desenvolver discussões acerca de problemáticas que ainda se perpetuam na atualidade. Alinhado a isso, observamos que podemos compreender e refletir como as obras literárias representam diversos fatores sociais ao expor problemáticas da realidade. Como exemplo, perceber os traços de violência em determinada série de TV ou o preconceito de determinado personagem de livro, dentre outras problemáticas que a sociedade omite a existência.

De modo semelhante, Lois Tyson (2015, p. 2-3) explica que “we can learn to interpret

those productions in order to learn something important about ourselves as a species. Critical theory, [...] provides excellent tools for that endeavor, tools that not only can show us our world and ourselves through new and valuable lenses but also can strengthen our ability to think logically”. No que diz respeito ao modo como interpretamos estas produções, a autora pontua que este olhar crítico permite a compreensão de mundo ao mesmo tempo nos permite analisar e interpretar de forma mais atenciosa e lógica os problemas sociais que nos cercam.

Nesse segmento, estes cenários que deterioram a sociedade são maquiados de forma imaginativa, lúdica e fantasiosa em formato de expressões artísticas e culturais como um meio de expor os problemas da realidade. As lentes da crítica influenciam a entendermos e analisarmos estas obras artísticas de modo que nossas percepções possam desenvolver narrativas para desconstruir estas adversidades e chamar a atenção do coletivo para um olhar mais crítico do que acontece ao nosso redor. Tomando partindo destas discussões no ambiente acadêmico, a disciplina de Crítica Literária disponibiliza correntes de estudo com percepções específicas de mundo, em narrativas diversas acerca de problemáticas sociais.

Estas correntes propiciam a análise de objetos literários sob óticas diversas ao mesmo tempo em que também podem se encontrar nas discussões, ou seja, a crítica possibilita uma interpretação mais reflexiva do que assistimos, ouvimos e lemos. Quanto mais específica for a discussão, a ampliação da interpretação de textos se torna mais apurada para construir discussões a respeito de problemáticas.

A saber que, essas lentes se designam em crítica psicanalítica, que lida com a relação entre o inconsciente e o comportamento humano, enquanto a crítica marxista trata de questões provenientes do capitalismo. Por sua vez, a crítica black studies foca em discutir as questões raciais e a crítica pós-colonial dialoga a respeito de temáticas que dizem respeito a colonização, na crítica feminista tratam de questões acerca de lutas e movimentos sociais em prol do direito feminino, a corrente dos estudos queer foca em assuntos como gênero e sexualidade. Cada uma destas lentes oferece perspectivas para discutir um objeto literário sob pontos de vista distintos.

Posto isto, Zinani (2011, p.2) reforça que um dos fatores relevantes para essa disciplina são os “aspectos relacionados ao discurso das minorias”, ou seja, a importância da crítica literária ser um espaço de reflexões de outras identidades. Nesse sentido, discutir temáticas como estas são imprescindíveis no que diz respeito a dar visibilidade para estes pequenos grupos, por meio das lentes críticas.

Dentre estas correntes literárias, selecionamos os estudos queer por dialogar com o interesse desta pesquisa, além de ser embasamento fundamental para fomentar a análise deste trabalho. A partir da investigação desta corrente, podemos delinear discussões de gênero e

sexualidade, bem como o conceito de heteronormatividade.

2.2 Os estudos queer

A crítica literária oferece o olhar crítico de problemas sociais que historicamente vem afetando a sociedade. Como podemos observar, estes problemas sociais são levados a discussões no meio acadêmico, contudo, estes diálogos surgem a partir de situações que acontecem no ambiente exterior – a sociedade, levados ao ambiente interior – a comunidade acadêmica. Tratando destes acontecimentos da história sob o olhar das correntes de estudo da Crítica Literária.

As questões que integram o campo de discussões dos estudos queer surgem a partir de um movimento em meados da década de 1970 durante as lutas dos direitos civis e feministas. Nesse segmento, Richard Miskolci (2012) discorre acerca desta temática queer em como a sociedade constitui padrões heteronormativos que silenciam as questões de gênero e orientação de forma aberta. Nesse sentido podemos observar que, o autor chama a atenção para um tipo de controle social. Deste modo, problematizar este assunto a fim de normalizar relacionamentos homoafetivos e/ou relacionamentos que não seguíam o padrão normativo, e expor estas relações para a sociedade era algo que a comunidade queer ainda não tinha espaço de escuta suficiente.

Em junho de 1969, em Nova York, acontecia a luta pelos direitos de pessoas homossexuais. Este movimento social foi o marco para a comunidade homoafetiva da época, conhecido pelo nome de Stonewall. Eleonora Apolinário *et al.* (2019) explicam que nos Estados Unidos nesta época a vida privada era de interesse político, pois neste período houve uma expansão de culturas que atingia a todas as classes sociais, e ainda a vida pública era extremamente pautada no que dizia respeito a sexualidade.

A comunidade gay era direcionada as áreas da marginalidade, se abrigavam em bares a fim de expressarem a sua liberdade. Foram surpreendidos por ataques policiais em um bar conhecido por Stonewall Inn. Esta revolta eclodiu em manifestações e protestos a partir deste acontecido. Além disso, durante esta época estes indivíduos eram adjetivados pelo uso ofensivo da palavra queer.

A autora reforça que durante este período as leis se baseavam ainda em costumes e tradições religiosas, cujos aspectos tinham relação direta com interesses políticos. Em razão disto, a ideia de um estadunidense homossexual em 1960 “era deixar de lado a moralidade [...] enquanto o palco central dos movimentos sociais demonstrava uma rápida mudança política e social em prol da liberdade, a comunidade gay experimentava o recrudescimento da

homofobia” (Apolinário *et al.*, 2019, p. 100). Em outras palavras, a comunidade era de certa forma segregada da sociedade estadunidense e vista como uma minoria que não se inseria as normas tradicionais e impostas como modelo correto e padrão.

A palavra queer era instituída a este grupo de minorias, pois durante o período da disseminação das doenças HIV/AIDS, que, conforme explica Rafael Leopoldo (2020), a doença era atrelada aos grupos minoritários, dentre estes a comunidade homoafetiva. Durante este período de lutas sociais, o uso de substâncias ilegais estava em alta, o que elevavam os índices de contágio da doença, especificamente pessoas homossexuais marginalizadas tinham maiores riscos de transmissão. Com isso, ser queer era rotulado como alguém impuro, estranho, anormal e aversivo.

Em um cenário voltado para os subúrbios da cidade, gays e lésbicas de classe média e de cor branca, se apropriavam do movimento. Annamarie Jagose (1996) ilustra que a maior parte do movimento gay era atribuída a homens brancos que possuíam boa classe social. Até a revolta de Stonewall, não havia um olhar de preocupação social para as minorias do movimento, a ideia de liberação era voltada a uma classe mais “visível” da sociedade. Seria mais aceitável um casal homoafetivo de classe média que se reservasse as demonstrações de afeto somente em casa, no reservado.

Em meados dos anos 1990, a homossexualidade foi excluída na psiquiatria como uma doença psicológica. Durante este período, a palavra “queer” era utilizada em tom pejorativo no intuito de se referir a homossexuais para causar ofensas e serem referenciados como doentes e anormais. Nas palavras de Borba (2015, p. 4) era “um insulto homofóbico que a partir do final da década de 1980 foi apropriado pelos grupos que pretendia menosprezar e ressignificado em uma ação política que afirmava “We’re queer, we’re here, get used to it!”¹³. O termo ganha novo sentido na comunidade queer, antes o que era estranho, extravagante e esquisito ganhou uma simbologia de luta e resistência. “Queer significa colocar-se contra a normalização” (Louro, 2001, p. 546).

O termo passou também a adotar discursos não somente a estes grupos, mas também a minorias marginalizadas de uma forma abrangente, conforme pontua Jagose (1996, p. 1) “queer has come to be used differently, sometimes as an umbrella term for a coalition of culturally marginal sexual self-identifications and at other times to describe a nascent theoretical model

¹³“Estamos aqui. Somos queer. Acostume-se.” (tradução nossa). Termo usado em protestos para colocar-se em oposição a normalização, e forma de se apropriar da palavra *Queer* como um movimento de resistência contra a oposição.

which has developed out of more traditional lesbian and gay studies”.¹⁴ Diante disto, a luta social beneficia a construção de diálogos a respeito de gênero e orientação, gays e lésbicas afro descendentes, pessoas trans, dentre outros.

A partir disso, as lutas ganham um espaço mais acadêmico e sua preocupação em abordar essas questões que subvertem a norma começam a ter mais amplitude nos espaços educacionais e formativos. Foi somente na década de 1990 que o termo queer ganhou novo sentido. Com isso, os teóricos da área tinham um campo de estudo que problematiza sob uma perspectiva mais teórica as questões de gênero, sexualidade e identidade.

Teresa de Lauretis empregou pela primeira vez a denominação Teoria Queer para contrastar o empreendimento analítico que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero. A escolha do termo queer para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, destacava o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização focada na sexualidade (Miskolci, 2007, p. 2).

Este cenário ganha representatividade nos estudos literários, apontando temáticas de discussão de gênero e sexualidade. Na crítica literária, os estudos queer começam a tratar de discussões a respeito da heteronormatividade, relacionamentos homoafetivos, homossociais, orientação sexual, toda a gama de assuntos que fazem parte da luta/resistência ganha uma relevância no espaço acadêmico. Este movimento social ganha espaço para tratar não só de teorias de autores que já chamavam a atenção para estas questões de comportamento, mas também chama a atenção para olhares de reconhecimento a grupos minoritários que são constantemente empurrados a uma sociedade que instaura um sistema hetero dominante.

Tratar de questões sexuais é um fator de extrema relevância, graças ao movimento de resistência para os estudos queer. O termo atualmente desvinculado de sinônimos ofensivos destoando da natureza homofóbica, ganhou relevância na luta dos direitos de pessoas que não se encaixam/atribuem/identificam ao quadro heteronormativo. Nesse sentido, o ser diferente, faz referência a pessoas que caminham contra o padrão normativo que a sociedade impõe, um discurso hétero e fóbico que criminaliza e pune grupos minoritários. O termo se torna um guarda-chuva e nele há um espaço acolhedor para tratar destes corpos que constantemente são obrigados a seguir um modelo pungente.

Partindo destas questões, no que diz respeito a estes indivíduos assumidamente queer em primeiro plano, temos a vivência ao omisso em virtude do medo a exposição, a punições e

¹⁴ “queer passou a ser usado de forma diferente, às vezes como um termo guarda-chuva para uma coalizão de autoidentificações sexuais culturalmente marginais e outras vezes para descrever um modelo teórico emergente que se desenvolveu a partir de estudos lésbicos e gays mais tradicionais” (Jagose, 1996, p. 1, nossa tradução).

as violências simbólicas. Embora o processo de assumir a sexualidade/orientação sexual seja um dilema particular, a sociedade contribui para transformar este processo em algo doloroso. Neste sentido, a maioria destas pessoas enfrenta o ato de ocultar sua identidade para sobreviver na sociedade preconceituosa. Eve Sedgwick (2008) utiliza a ideia do armário para explicar um ambiente figurado, que se torna menos opressor do que o ambiente hétero. Em outras palavras, a autora aponta a questão da homossexualidade e sua exposição no espaço público e privado.

Em razão das lutas sociais em prol de direitos para pessoas de orientação contrária a heteronormativa, ao passo que estas pessoas ganhavam algum espaço, o preconceito se estendia cada vez mais. Por conta disso, não ser hetero era posto como um produto de enredos homofóbicos, manipulações sociais que, para Miskolci (2012), tendem a seguir o padrão social de comportamento de homem e de mulher, devido ao controle social, ou seja, cada vez mais a sociedade tentava impor o seu padrão de modelo correto para ser um ser social reconhecido.

Podemos observar as tentativas de minimizar esses grupos no intuito de estabelecer que estes indivíduos não seguem o padrão dito como correto. Logo, o armário que Sedgwick menciona torna-se um instrumento opressivo a quem busca esconderijo, este espaço simbólico oprime em forma de violência física e estrutural o indivíduo que vive fora dele, ao mesmo tempo esta opressão acontece de forma externa ao passo que este indivíduo adota os padrões de corpo, moldados pela sociedade heteronormativa na tentativa de pertencer aquele grupo.

Devido a isso, Louro (2018) reforça que estes indivíduos oprimidos são constantemente alvo de correções pedagógicas. Por meio da definição e atribuição de gênero que somos postulados desde o nascimento, estamos sujeitos a um processo de normalização, ou seja, estas opressões punem o indivíduo para torna-lo mais normal, sendo esta definição atribuída a uma base biológica que consistia de acordo com seu sexo de nascimento, a sua postura correta para comportar-se em sociedade.

Partindo dessas pontuações, podemos observar que mesmo diante de lutas, protestos e discursos em busca de reconhecimento na sociedade, o controle pelo corpo e a auto afirmação a respeito da identidade ou orientação são diretamente afetadas por essa imposição de comportamento social delimitados pela sociedade heteronormativa. Os movimentos sociais da década de 1970, as promessas de uma nova vida e as discussões no campo acadêmico vem se tornando símbolos de resistência para que determinado momento a sociedade possa reconhecer e respeitar a fim de minimizar o sistema fóbico e opressivo.

Por meio das discussões queer, podemos problematizar o que a sociedade atribui a gênero – que homem e mulher ocupam um espaço social de acordo com o sexo que foi imposto. Isto diz respeito ao corpo e modo de se comportar, segundo os padrões de uma sociedade

heteronormativa homens e mulheres devem exercer suas ações de acordo com uma base biológica. Diante disso, ao desconstruir essas imposições podemos olhar para as discussões de gênero e chamar a atenção para os espaços sociais que essa categoria ocupa.

2.3 Gênero e Sexualidade

Na sociedade hodierna citar gênero tem sido um tabu, pois essa pauta é constantemente utilizada para definir ou atribuir temáticas relacionadas a ideologias errôneas para sustentar discurso de ódio e preconceito. Devido a isso, as narrativas atribuídas a esta temática se tornam diálogos ásperos e problemáticos, quando pautadas sem conhecimento de sua atribuição social, bem como o status que este conceito compreende o indivíduo que vive em sociedade. Nessas narrativas, a palavra “gênero” tem sido relacionada ao sexo e aos aspectos físicos, sendo assim, por muitas vezes definida como uma orientação, ou somente atribuídas ao indivíduo masculino e feminino.

No campo dos estudos queer se enquadram as temáticas que estudam gênero e sexualidade, porém estes diálogos surgem a partir do movimento feminista, precisamente na segunda onda entre 1960 e 1980. Como explica Monique Witing (2019, p. 89), “[a]s mulheres começaram a lutar por si mesmas como grupo e consideraram corretamente que compartilhavam características comuns como resultado da opressão”. Diversos pensadores e personalidades fizeram parte das narrativas destas mulheres, como por exemplo Simone de Beauvoir, com seus discursos a respeito da formação da mulher.

Em seguida com o surgimento dos estudos de gênero, o conceito volta-se para as questões sociais e integrava discussões durante o movimento feminista por volta do século XIX. Durante o processo do movimento feminista, existia a ideia de base biológica por parte das feministas que lutavam por seus direitos, enquanto os estudos de gênero chamavam a atenção para questões de construção social. Na visão de Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015, p.45), era explicado como “emprestado da gramática. Em última instância, vem de um radical que significa produzir”, que em outras palavras essa ideia de produção era destinada a produzir o ser homem ou mulher. No entanto, os estudos de gênero foram adquirindo novas perspectivas e seu conceito foi repensado e foram surgindo novas teorias.

Na década de 1980, as contribuições da historiadora Joan Scott - sendo a primeira a teorizar sobre gênero como conceito ainda nesta época - reforça a narrativa de construção social. Para Scott (2019), a questão do gênero trata da subjetividade do ser em sua forma de se construir. Podemos observar que a amplitude deste tema caminhava além do que as ideias

feministas afirmavam, não só tratando de uma reparação histórica para estas mulheres, mas também para uma ótica de que nosso comportamento e identidade perante a sociedade não definia somente pelo sexo biológico dado ao nascer, mas sim à uma produção que se relacionava diretamente com o modo de Ser.

No que diz respeito a questão de produção, Connell e Pearse (2015) mencionam que ganha muito mais relevância quando relacionamos gênero com a questão da cultura na qual somos inseridos e que desenvolvemos as experiências a partir do que produzimos. Nessas experiências, podemos de fato produzir o que realmente somos. O que diverge gênero enquanto categoria e construção social são os espaços em que estes ocupam. Quando tratamos desse assunto por uma perspectiva social, percebemos as nuances do modo como nos comportamos em sociedade, a partir do que já conhecemos.

No âmbito acadêmico essas nuances tem maior atenção, pois podemos discutir e compreender como funcionam de fato na sociedade esta produção, que na realidade se trata de uma reprodução de algo já construído. Em outras palavras, o que as autoras abordam é que estas identidades são construídas em um contexto inteiramente social, embora tenham um gênero biológico estabelecido a partir do nascimento, não determina totalmente o nosso papel social.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres [...] O uso do “gênero” coloca ênfase sobre o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade (Scott, 2019, p. 55).

A categorização de gênero torna possível conceituar novas perspectivas não só para o contexto histórico, mas também a partir desta contextualização começa a explicar os fatos de passagens da humanidade que abordam o assunto. Posto isso, podemos ainda elencar gênero a uma ideia filosófica e ontológica. De forma resumida, algo que se constitui a uma ontologia diz respeito a realidade e existência. Apontando para a questão do gênero, uma vez que somos seres sociais, esta ontologia trata de explicar o nosso Ser por meio de nossas características e comportamentos e não leva em consideração os marcadores biológicos, sendo que estes são exclusivos a nossas funções fisiológicas.

Na explicação de Butler (2018, p. 182), podemos observar que essa ontologia acontece por meio de “atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”. Ou seja, o gênero enquanto uma construção social aponta que para de fato definir o Ser de um indivíduo,

precisamos de uma série de características que fazem essa fabricação acontecer. Essa fabricação, por sua vez, faz parte do que performamos no cotidiano, desde uma simples escolha de roupa até o modo de agir.

No campo teórico, o conceito passou a abordar não só ao que atribuíam mulheres e/ou homens, mas passou a integrar em seu conceito atribuições para diversas identidades. Com isso os estudos deste conceito passaram a incorporar estudos no ramo da Sociologia, cada vez mais se desvinculando da tradução de feminino e masculino como os gêneros predominantes. Connell e Pearse (2015, p. 48) elucidam que “[o] gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais.”. Logo, estes processos destoam das suas definições tradicionais, e as autoras chamam a atenção para a compreensão de que vai mais além do que uma imposição de sexo.

Deste modo, elencando o que Butler e as autoras Connell e Pearse ilustram, tanto gênero como comportamento e categoria de estudo estão relacionados às ideias voltadas para uma perspectiva mais filosófica e sociológica. Ou seja, nossas produções são produtos da sociedade a qual somos inseridos e a categoria gênero discute como essas produções afetam diretamente nosso modo de agir, a orientação sexual e ao modo como definimos a nossa identidade.

Nesse segmento, pensar gênero como algo que está atribuído ao papel do indivíduo, ou seja, independente do seu sexo de nascimento, não necessariamente significa que este ser social cumpra o que lhe fora instituído. Jules Peterson (2021, p.119) reforça este pensamento ao explicar “it is a social or cultural matter, distinct from the biological domain of sex.”¹⁵ Podemos a partir desta definição atribuir gênero a algo que envolve diretamente a questão da cultura, nesse sentido interpretando o indivíduo não por sua identidade determinada ao nascer, mas sim por sua produção de comportamento. Posto isso, podemos desmembrar o indivíduo de um padrão normativo e compreendê-lo por uma ótica social.

Portanto, podemos então compreender que além dessas identidades masculinas e femininas a questão do gênero constrói uma subjetividade que nos leva a repensar o modo como nos identificamos socialmente. A autora Peterson (2021) explica que o papel do gênero se desenvolve a partir do que dizemos e fazemos para ocupar o status de masculino ou feminino. Nesse sentido, se gênero trata de explicar o que somos a partir do que fazemos e que somos desvinculados do sexo biológico, a partir disso, pensando de uma forma sociológica, gênero

¹⁵ “como uma questão social ou cultural, distinta do domínio biológico do sexo.” (Peterson, 2021, p.119, tradução nossa).

abraça a ideia da experiência de ser homem ou mulher, mas também abrange identidades binárias e trans, por exemplo.

Essa fluidez constrói o que nos tornamos e como nos identificamos. Diante disto, podemos entender que estas experiências não tem relação com o sexo predeterminado a partir do nascimento, uma vez que somos produtos de experiências e estas constroem a identidade do ser. A partir disso, desenvolvemos a sexualidade, que por sua vez é algo distinto da construção de sexo e gênero.

Por diversas vezes, a temática sexualidade tem sido atribuída ao ato sexual. Nesse sentido, os diálogos construídos em torno desse tópico, em sua maioria abordam relações hétero e monogâmicas para designar a tradução de sexualidade. Contudo, pautar este assunto vai além das práticas sexuais. O campo de estudo da sexualidade, está diretamente atrelado aos estudos sobre gênero, contudo para desconstruir a interpretação dessa área, a autora pontua que:

O pressuposto de que a sexualidade é social e historicamente constituída, e não biologicamente determinada [...] significa simplesmente que a sexualidade humana não pode ser compreendida em termos puramente biológicos. Os organismos humanos dotados de cérebros humanos são necessários para as culturas humanas, mas nenhum exame do corpo ou de suas partes é capaz de explicar a natureza e a variedade dos sistemas sociais humanos (Rubin, 2018, p. 68).

Posto isso, a autora chama a atenção para observar o pensamento de que a sexualidade do indivíduo não está ligada ao sexo dado ou ao gênero atribuído, mas que isso não desvincula das percepções cerebrais. Contudo, a ideia de sexualidade se associa ao modo como cada um reconhece seu próprio corpo e como isso afeta o modo como nos relacionamos afetivamente e a partir disso o modo como determinamos nossas relações sexuais.

No que diz respeito ao que conceituamos a sexualidade e ao que fazemos relação ao sexo biológico, quando buscamos um modo de explicar ou tentar definir esta ideia, Elisa Dorlin (2021, p. 22), traduz “no que comumente compreendemos como ‘sexo biológico’ dos indivíduos, gênero e traços de uma gestão social da reprodução, isto é, uma identidade sexual (de gênero e de sexualidade) imposta, designada”. A autora explica que até o século XIX essa terminologia era voltada para definir uma sexualidade restrita, estruturada em uma relação entre homem e mulher.

A sexualidade se baseava no princípio de prática sexual instituída para a reprodução humana e de sexualidade para distinção de homem e mulher. Isto perpetuou e possivelmente ainda se perpetua como um tabu na sociedade, uma vez que pensar ou falar sobre o corpo e sobre a orientação sexual seria algo um desvirtuamento dos princípios tradicionais. Dorlin (2021) ainda explica que a determinação de homem e mulher não constitui a maneira como estes indivíduos se relacionam. A autora reforça que a partir de fatores externos criamos nossa

identidade.

Desse modo, podemos observar que a sexualidade explica que embora possamos adotar um determinado gênero, reconhecemos nosso corpo e nos identificamos a partir das experiências que construímos e que nossos desejos sexuais são fatores naturais que produzimos independente de nossa orientação. Em síntese, nossos comportamentos são definidos a partir do que produzimos, o que infere a ideia de que nós estamos em uma constante produção de gênero, como Butler (2018) tem chamado a atenção. Nós enquanto seres sociais somos moldados e remodelados desde o nascimento, construindo e desconstruindo nossas identidades e sexualidade.

2.4 Heteronormatividade

Quando problematizamos gênero nas discussões, tratamos do sujeito de modo a fazer uma identificação de seu comportamento e sua identidade por meio da construção social. No que diz respeito a isso, observamos como a sociedade determina comportamentos e normas que sejam adequadas ao sexo dado, excluindo a ideia de construção do gênero. Estes comportamentos e normas carregam uma ideia fóbica que delimita o indivíduo a uma construção única de sexualidade, a heteronormatividade.

No ano de 1975, a antropóloga Gayle Rubin publica seu ensaio “Traffic in women” e teoriza a noção de sistema sexo/ gênero. Esse sistema define uma manutenção social. Em outras palavras, a manutenção desse sistema afirma a heterossexualidade para manter o status econômico e político. Rubin (2018, p. 14) destaca que “o que conta como sexo é algo culturalmente definido e adquirido. Toda sociedade também tem um sistema de sexo/gênero – um conjunto de disposições pelas quais a matéria-prima biológica do sexo e da procriação humana é moldada pela intervenção humana”.

O que a autora abordava neste ensaio a respeito desse sistema, explica a mentalidade política de que mulheres tinham um papel submisso perante homens, maridos. Dessa forma, o sistema de sexo/gênero atribuía a mulheres e homens certos traços proeminentes, as feminilidades e masculinidades. Configurando a estes indivíduos categorias de poder e submissão.

Rubin (2018) também destaca que nesse sistema ou qualquer outro implicavam em modos que faziam a produção e como consequência havia uma determinada reprodução de normas. Na perspectiva deste sistema, uma sexualidade era imposta como modelo padrão,

correto e de bom tom para a sociedade. No entanto, esse sistema operava de uma forma opressora que, se estendeu historicamente, perpetuando e naturalizando relações de poder para homens e subjugando mulheres como posses masculinas.

Durante o período de 1980, a feminista Adrienne Rich cunhou o termo “heterossexualidade compulsória” para explicar como a sociedade definia sua sexualidade de uma forma binária e heterossexual. O conceito de sistema de sexo / gênero deixa de ser utilizado e é reforçado este novo conceito para determinar os mesmos padrões e normas, mas com outro sinônimo.

A autora explica que “a via da heterossexualidade compulsória, por meio da qual a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (Rich, 2010, p. 21). Partindo disso, a heterossexualidade compulsória reforça uma ideologia de uma sociedade moldada pelo conservadorismo. Desse modo, as experiências que seguem a linha contrária desta norma, são vistas como algo que sai da norma e por sair da norma não são vistas socialmente como “adequadas”.

À vista disso, esta prática seria um meio contínuo para reproduzir a heterossexualidade, que até então tem se perpetuado em tudo. Na tentativa de manter essa heteronormatividade como um sistema para a sociedade, estas práticas da heterossexualidade compulsória se assemelham ao que Butler (2018) e Connell e Pearse (2015) já discutiam sobre gênero, pois esta ideia de sexualidade se dá como uma prática naturalizada, assim como a ideia de que performamos gênero, esta prática institui quais naturalizações de comportamento são adequadas a homens e mulheres.

Ainda no que diz respeito à heterossexualidade, quando se travava de normas, esta sexualidade funcionava como um sistema que a sociedade moldava seus indivíduos principalmente na década de 1980. Murilo dos Santos Moschetaet, Daniele da Silva Fébole e Bárbara Anzolin (2016, p. 73) reforçam que “as experiências humanas que se diferenciam tanto da construção polarizada de gênero quanto da heterossexualidade supostamente natural, são socialmente marcadas como desviantes, anormais ou marginais”. Estas experiências heterossexuais entravam em atrito com a experiência lésbica de feministas à época, que, para aquela década a sociedade, visualizavam esta experiência feminina como algo desviante da heterossexualidade.

Durante este período de conservadorismo, as feministas que se identificavam como mulheres lésbicas eram de forma constante atribuídas à ideia contrária ao que a sociedade normalizava. Durante a década 1980 era reforçado a heterossexualidade como padrão, estes

padrões estabeleciam não só no modo de agir, mas também na aparência estética e os locais apropriados em carreiras profissionais e a sexualidade era vista como um sistema que estabelecia o comportamento de cada indivíduo.

Em 1991, o sociólogo Michael Warner adota o uso da palavra heteronormatividade. A instituição deste termo reforçava as práticas e experiências de pessoas que se identificam como heterossexuais, pois, durante este período, além das questões de gênero e de heterossexualidade compulsória, havia as sexualidades consideradas como desviantes. O conceito de heteronormatividade, segundo Michael Warner, 2004, p. 19), “as the very model of intergender relations, as the indivisible basis of all community, and as the means of reproduction without which society wouldn't exist [...] the heterosexual couple to represent the principle of social union itself”¹⁶. O sociólogo explicava que ao se portar em sociedade, o indivíduo para ser aceito na norma social deveria adotar o modelo considerado correto e normal no que dizia respeito ao gênero e a orientação sexual.

Para a sociedade, a heteronormatividade incita as ideias do sistema sexo/gênero e reforçavam o modelo de orientação para os gêneros. Esta normatividade dita a heterossexualidade como o topo da pirâmide de poder, que constituía a relação entre homem e mulher. Além disso, a base que sustenta os princípios da sociedade está diretamente ligada a esta questão de poder, pois a heteronormatividade opera como um sistema que determina as sexualidades permitidas.

Nesse sentido, a intenção de sistema que a heteronormatividade exerce tem intuito de naturalizar o heterossexual e oprimir toda sexualidade que foge a essa norma. Para Scott Morgensen (2021), é um sistema racista que controla a sexualidade. Quando o autor faz uso da palavra racista, traduz a ideia de que a heteronormatividade foi instituída por uma cultura de um povo europeu, que, além de racista, era também a pirâmide social que controlava as sexualidades, marginalizando toda normatividade que fosse contra os princípios basilares da heteronormatividade.

Diante disto, podemos pensar que esse sistema trata da “normalidade” como um padrão que define modelos a serem performados. No livro *Queer Theory*, Annamarie Jagose (1996, p.16) elucida que “this assumption is naturalised in a culture that commonly understands homosexuality to be a derivative or less evolved form of heterosexuality”.¹⁷ Com isso, a autora

¹⁶ “como o próprio modelo das relações intergênero, como a base indivisível de toda a comunidade e como o meio de reprodução sem o qual a sociedade não existiria [...] o casal heterossexual para representar o próprio princípio da união social” (Warner, 2004, p.19, tradução nossa).

¹⁷ esta suposição é naturalizada numa cultura que comumente entende a homossexualidade como uma forma derivada ou menos evoluída da heterossexualidade (Jagose, 1996, p.16, tradução nossa).

explica que esta naturalização de sexualidade colocava todas as sexualidades existentes como inferiores.

A heteronormatividade fixava como base a idealização de que os seus padrões de comportamento tinham mais valores sociais do que as outras normatividades, que as sexualidades a parte, seriam modelos desviantes da norma correta. Nesse segmento, as normatividades desviantes adotariam o contrário do que a heteronormatividade estipulava.

Em síntese, o que criamos a partir de nossas experiências e do que performamos, nos direciona à formação de nossa identidade. Esta formação traduz a construção social que o conceito de gênero busca explicar. Nesse aspecto, estas performances são categorizadas por normatividades e arranjos que instituem o comportamento em sociedade. A partir disso, podemos perceber como estas normatividades e arranjos se instauram em sistemas opressores, que limitam e instalam modelos corretos para o meio social.

Além de estarem presentes na vida externa, estas instituições opressoras em muitos modos se instalam na vida ficcional também com a tentativa de atuar como instrução pedagógica, corrigindo o que não segue a norma. Instituem, assim, suas normatividades até mesmo em pessoas, seres ficcionais presentes em obras literárias, podendo até mesmo observar como a heteronormatividade oprime figuras que não seguem o padrão.

Desta forma, podemos perceber que a heteronormatividade atua como um sistema que controla e determina como e o que podemos ser. Pessoas que se recusam a seguir o modo desse sistema, tem maior tendência em sofrer as punições, que de um modo geral são exclusões sociais, preconceito e muitas vezes sofrem punições físicas e psicológicas. Pois quem opera do outro lado, visualizam que estas pessoas são anormais, e este sistema opressor continuamente perpetua essa visão deturpada para que estas violências sejam reproduzidas.

3 O UNIVERSO VAMPÍRICO DE ANNE RICE

Nesta seção apresentamos a obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]), bem como os critérios de inclusão e exclusão dos excertos utilizados para a análise. Destacando também uma breve descrição dos personagens Louis e Lestat, enfatizando o comportamento dos personagens como também as problemáticas vivenciadas no decorrer do tempo. Antes e depois da transformação vampírica, as experiências de Louis ao lidar com seus conflitos enquanto vampiro, assim como as posturas adotadas por Lestat conforme Louis recusa assumir seu papel de vampiro. Por fim, conforme a contextualização da obra e dos personagens, realizaremos a análise dos excertos baseada nas discussões apresentadas na seção anterior a fim de compreender como a vampironormatividade acontece no universo específico de vampiros da obra literária *Interview with the vampire*.

3.1 Apresentando a autora Anne Rice e *As crônicas vampírescas*

Anne Rice publicou livros de temáticas como terror, ficção gótica e romance erótico. A escritora americana nasceu em 1941 e teve dois filhos. No início de suas publicações literárias, as temáticas que escrevia apresentavam histórias fora do universo de vampiros. Foi somente a partir de em 1976, que Rice iniciou sua escrita no universo gótico sobrenatural durante uma difícil parte de sua vida quando perdeu para o câncer, sua filha Michelle Rice. A primeira obra literária com esta temática foi - Entrevista com o vampiro, em inglês: *Interview with the vampire*. Este livro foi ponto de partida para outras produções da temática e da série *The Vampire Chronicles*.

De acordo com a tese de doutorado de Wadie Touahria (2019), a obra literária contém elementos de âmbito pessoal de Anne Rice. Sua inspiração foi tão grande que um dos personagens, a vampira Claudia, a menina que nunca poderia crescer, era baseada em sua verdadeira filha que havia falecido semanas antes. Foi no processo de escrita do livro que a autora encontrou uma forma terapêutica de vivenciar seu luto. Até meados dos anos 2000, Rice publicou obras literárias que envolviam o universo de vampiros. Após falecimento de seu cônjuge, Stan Rice, encerrou suas produções nesse meio sobrenatural, dando passagem para obras de cunho religioso.

Interview with the vampire foi publicada em 1976 nos Estados Unidos. A ficção americana é o primeiro volume da série *The vampire chronicles*, que conta com treze livros, narrando uma sequência de eventos no mundo sobrenatural de vampiros. *Interview with the*

vampire, enfatiza a trajetória de dois vampiros - Louis de Pointe du Lac e Lestat de Lioncourt. O enredo é contado por meio de um narrador autodiegético, que, segundo Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira (2001), é a narrativa em primeira pessoa que conta os eventos de que está participando. O jornalista Daniel Molloy segue um vampiro até seu apartamento no centro da cidade, para propor uma matéria em que ele conta sua história. Essa entrevista se passa no ano de 1990, na ótica de um destes vampiros - Louis de Pointe du Lac - que narra seus 200 anos de vida e morte. Logo, ele é responsável por nos apresentar a história, bem como os personagens que compõem o enredo.

O romance se passa em 1791, em Nova Orleans. A princípio apresenta-se o protagonista Louis de Pointe du Lac: “The vampire was utterly white and smooth, as if he were sculpted from bleached bone, and his face was as seemingly inanimate as a statue, except for two brilliant green eyes” (Rice, 2014, p. 4). Por outro lado, temos Lestat de Lioncourt, que na visão de Louis era posto como “extraordinary”, que contrasta com seu modo de agir, levando o leitor a questionar se o seu comportamento seria de fato extraordinário ou trivial e maldoso.

O enredo é dividido em quatro partes de acontecimentos específicos: a primeira parte enfatiza a introdução dos personagens e a transição de Louis de humano para vampiro, apresentando a proximidade entre o protagonista e Lestat. A trajetória começa com ambos na cidade de Nova Orleans conforme avançam os conflitos da trama os dois seguem rumo a Europa na perspectiva de uma vida melhor e mais calma. Já na segunda parte do livro, Louis conhece Claudia, uma criança que estava à beira da morte e fora transformada por Lestat. Após o surgimento da garota, iniciam novos conflitos entre os vampiros, pois Louis buscava se desvincular de seu criador e educar Claudia sozinho.

Na terceira parte do livro, Louis e Claudia tentam fugir de Lestat que agora se posicionava de forma mais agressiva e controladora devido ao apego sentimental. Um triângulo de sentimentos é iniciado, fazendo com que ambos prefiram deixar Lestat e seguir rumo a Paris. Ao chegar a Paris, eles se deparam com o teatro dos vampiros, de Armand. Embora desde o início da obra Louis expresse seu desejo por encontrar outros de sua espécie, o momento em que isto acontece não bem como o esperado. O final conta a morte de Claudia e a retomada de Louis ao cenário da entrevista, em seu apartamento. Uma retomada ao passado e ao final da entrevista o reaparecimento de Lestat, deixando nítido que no cenário presente ele estava vivo.

Após o desfecho de Louis, as obras seguintes da série retratam os outros personagens do primeiro livro, enfatizando suas histórias e perspectivas pessoais. Em sequência temos: *The vampire Lestat* (1985), *The Queen of the Damned* (1988), *The Tale of the Body Thief* (1992), *Memnoch the Devil* (1995), *The Vampire Armand* (1998), *Merrick* (2000), *Blood and Gold*

(2001), *Blackwood Farm* (2002), *Blood Canticle* (2003), *Prince Lestat* (2014), *Prince Lestat and the Realms of Atlantis* (2016), *Blood Communion: A Tale of Prince Lestat* (2018).

Vale ressaltar que por se tratar de uma obra antiga, adotamos a versão de 2014, publicada pela editora Ballantine Books e para as traduções da nota de rodapé utilizamos a versão de 2020, uma reedição de uma tradução de traduzida por Clarice Lispector e publicada pela editora Rocco. A partir da contextualização e observações supracitadas, dedicamos a próxima seção para apresentar os excertos que utilizaremos para análise posterior.

3.2 A vampironormatividade de Louis

Louis de Pointe du Lac é apresentado como um homem branco de vinte e cinco anos, era o mais velho de três irmãos e responsável por assumir os negócios da família após o falecimento do pai. Residiam em uma fazenda em Louisiana, era senhor de escravos. Por passar a maior parte de seu tempo administrando os bens da família, ainda era solteiro. O foco do enredo inicia quando o irmão caçula de Louis comete suicídio.

A tragédia fez com que Louis se sentisse culpado e, como consequência, bebia diariamente. O álcool fazia com que Louis saísse todas as noites à procura de um duelo e a culpa o fazia desejar a morte. Em uma fatídica noite em que Louis ansiava por seu fim, “I lived like a man who wanted to die but who had no courage to do it himself [...] I backed out of two duels more from apathy than cowardice and truly wished to be murdered. And then I was attacked” (Rice, 2014, p. 11), enquanto caminhava bêbado por becos e vielas, foi surpreendido por um vampiro que sugou seu sangue e o deixou para morrer.

Louis começa a narrar sua história sob seu posto de vista, contudo, a narrativa de Louis é transcrita pelo repórter. O que nos leva a compreender a questão do narrador-personagem, que segundo Santos e Oliveira (2001, p. 6-7) definem como alguém que “relata as suas próprias experiências como personagem central da história”. Logo, compreendemos que as situações e experiências que remetem a Louis, o modo como ele vivência sua história e relaciona no momento e tempo em que está vivendo, nos é apresentado sob o ponto de vista também do repórter.

Durante a entrevista, o repórter questiona Louis sobre sua transformação. Ao iniciar a história, ele explica por partes, desde o momento da decisão em se tornar vampiro até o momento em que começa de fato sua trajetória ao lado de Lestat depois de ter sido transformado. Louis conta ao repórter como ocorreu sua transformação. Durante a conversa afirma: “**Decided**. It doesn’t seem the right word. **Yet I cannot say** it was inevitable from the

moment that he stepped into that room. No, indeed, it was not inevitable. **Yet I can't say I decided**" (Rice, 2014, p. 14, grifo nosso)¹⁸. A construção do diálogo de Louis, nos mostra como a decisão de se tornar vampiro afeta seus próprios questionamentos. Inferindo a decisão a sua própria construção de identidade, decidir ser vampiro problematiza a ideia de Louis construir uma identidade a qual não é esperada pela sociedade, tornar-se um ser que socialmente é abjeto.

No que diz respeito a isso, Connell e Pearse (2015) explicam que na sociedade os arranjos que distinguem a masculinidade e feminilidade são reforçados por meio de papéis sociais. A decisão de Louis leva-o a um papel social que não seria aceitado no meio social, pois além da abjeção a figura do vampiro não reforça a masculinidade e nem a feminilidade. O que mais adiante é problematizado por ele se tornar um ser que não reforça esses papéis.

Na construção do diálogo podemos observar nas palavras em destaque o uso de uma conjunção coordenada, "yet" que reforça a ideia de uma contradição. Ainda, podemos observar como essa contradição é enfatizada pelo uso da palavra "decided". Ou seja, mesmo que Louis diga não ter decidido, suas palavras evidenciam que na verdade exista uma decisão, que ao adentrar no quarto com Lestat e ser transformado, tenha sido de fato algo inevitável a partir do momento em que ele iniciou seu processo de transformação.

De forma metafórica, podemos observar a sua transição de humano para vampiro como uma viagem, que, na visão de Louro (2018, p. 7), é definida como algo que "transforma o corpo, o caráter, a identidade, o modo de ser e de estar... Suas transformações vão além das alterações na superfície da pele [...] da aquisição de novas formas de ver o mundo [...] As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades". Estas mudanças, mesmo que de forma metafórica a perda do corpo físico, são provocadas pela pressão em sociedade.

A partir do momento em que performamos o que vai contrário à norma, problematizamos o que é instituído aos nossos corpos. Elencando estes aspectos com a figura de um vampiro, que popularmente é visto como algo não natural, Louis, problematiza ainda mais ao decidir passar por essa transformação. Isso se dá por decidir atravessar a experiência desta viagem, ou seja, não seguir inicialmente a normatividade.

Em outras palavras, deixar sua humanidade que é algo natural para vivenciar sua experiência enquanto vampiro, do anormal, do estranho, experienciar o queer. Sua tomada de decisão traduz a ideia de que se tornar vampiro seria aceitar ir contra a norma, escolher o caminho da não normatividade.

¹⁸ "Decidi. Não parece a palavra exata. Apesar de não poder dizer que, a partir do momento em que ele penetrou naquele quarto, isto tivesse se tornado inevitável. Não, realmente, não era inevitável. Mas não posso dizer que decidi" (Rice, 2020, p. 20).

Ainda, ao tentar explicar sua transformação, Louis inicia com uma contradição. Ao enfatizar que sua mudança seria algo que não poderia explicar, mesmo explicando, usando palavras para assemelhar a experiência ao ato sexual, ele também enfatiza o valor da experiência apesar de não poder de fato descrevê-la.

[...] You want to know how it happened, how I became a vampire. “Yes,” said the boy. “How did you change, exactly?”
I can’t tell you exactly, said the vampire. **“I can tell you** about it, enclose it with words that will make the value of it to me evident to you. But **I can’t tell** you exactly, any more than **I could** tell you exactly what is the **experience of sex if you have had it.**” (Rice, 2014, p. 15, grifo nosso)¹⁹

A presença de uma anáfora é representada pela repetição das estruturas gramaticais com os verbos modais “can” e “can’t”. Embora Louis não pudesse explicar, ele tenta por meio de outra experiência explicar algo que não existia. Pois, como já citado na seção anterior, somente a partir do século XIX, as terminologias para pessoas dissidentes começam a ser mencionadas e teorizadas. Elisa Dorlin (2021) pontua a experiência sexual como algo que se pratica de forma natural e que se relaciona com a cultura e o espaço social. Este espaço social que Louis ocupa, não só impede que ele possa naturalizar a sua experiência, mas também limita sua intenção de explicação.

Nesse sentido, quando pensamos sobre o uso do espaço dessa narrativa, Santos e Oliveira (2001) descrevem como um ambiente não só físico, mas que também está relacionado ao espaço psicológico e social. Portanto, o espaço social de Louis não lhe permitia explicar a experiência que estava passando, por se tratar de algo que a sociedade não abordava, era desconhecido. Percebendo essa ausência de explicação, podemos ainda observar este espaço social está diretamente ligada a uma época que, mencionar a ideia da experiência sexual, se relaciona com as próprias definições de relação de poder que o sexo inferia.

Podemos explorar neste espaço histórico, a experiência de sexo que Louis menciona ao enfatizar “experience of sex”. Por meio do contexto da própria época, em que o sexo era tido como algo restritivo com fins voltados somente para práticas matrimoniais, como explica Rubin (2018, p. 70): “as sociedades ocidentais geralmente consideram o sexo uma força perigosa, destrutiva e negativa [...] o sexo é inerentemente pecaminoso [...] com fins de procriação, e se não se der atenção demasiada aos aspectos prazerosos”.

¹⁹ “[...] Quer saber como foi, como me tornei um vampiro. - Sim - disse o rapaz. - Como foi a transformação, exatamente? - Não posso lhe descrever exatamente - disse o vampiro. - Posso lhe falar a respeito, fazê-lo com palavras que deixem evidente o valor que teve para mim. Mas não posso descrever exatamente como foi, assim como não se pode dizer exatamente como é a experiência do sexo a quem nunca passou por ela (Rice, 2020, p. 20).

Louis externa sua história, mas a narrativa é contada pelo repórter. Podemos observar que, ao citar a questão da experiência sexual e ainda mencionar “if you have had it” sugerindo ao repórter nunca ter passado por esta experiência, notamos a contradição que ele inicia em seu diálogo: para Louis, a experiência de sua transformação era, além de inadequada, também uma fuga da norma social, pois tentar definir uma experiência pessoal que não era heteronormativa, dentro do espaço histórico e social da época, determinavam o sexo como algo pecaminoso, ou seja, naquela sociedade heteronormativa, Louis pervertia a norma ao ter a experiência com Lestat.

No entanto, percebemos no olhar da atualidade estes aspectos queer, problematizam o que Louis vivia, por estar inserido em sociedade que instituía uma normatividade, e questiona por Louis não reconhecer sua identidade já que a norma exigia dele um comportamento heteronormativo. Dorlin (2021, p. 4) descreve que “a heterossexualidade reprodutora – como organização social dominante da sexualidade – a norma legal, social”. Devido ao espaço em que Louis estava inserido, ao *tentar* contar e não *poder* contar a experiência, podemos relacionar esta contradição à ideia de que ele descreve uma experiência que não se adequava a heteronormatividade por estar vivenciando algo com Lestat.

No processo para completar a transformação, Louis descreve um momento mais íntimo em que Lestat está se aproximando para o ato da mordida em seu pescoço, enfatizando cada momento e cada sensação que sentia durante o ato. É interesse observar as palavras que ele utiliza para construir o seu diálogo e descrever o relato que experienciou.

I had seen my becoming a vampire in two lights: The first light was simply enchantment; Lestat had overwhelmed me on my deathbed. But the other light was **my wish for self-destruction. My desire to be thoroughly damned**. This was the open door through which Lestat had come on both the first and second occasions. (Rice, 2014, p. 17, grifo nosso)²⁰

Logo após, Louis descreve os últimos movimentos de Lestat, durante sua transição de humano para vampiro. Lestat se aproxima para sugar seu sangue, envolvendo-o a seus braços, Louis enfatiza a proximidade entre seus corpos: “the movement of his lips raised the hair all over my body, sent a shock of sensation through my body that was not unlike the **pleasure of**

²⁰ Lestat era extraordinário. Não me parecia mais humano do que um anjo bíblico. Mas sob tal pressão, meu encantamento se quebrava. Encarava o fato de me tornar um vampiro sob dois aspectos: o primeiro era mero encanto. Lestat me conquistou em meu leito de morte. Mas o outro aspecto era meu próprio desejo de autodestruição. Ansiava por ser intensamente amaldiçoado. Foi por esta porta que Lestat penetrou, em ambas as ocasiões (Rice, 2020, p. 22).

passion” (Rice, 2014, p. 19, grifo nosso).²¹ Louis conta que sente prazer ao ser mordido e sugado por Lestat, e ao expressar as palavras “pleasure of passion” descreve como havia se sentido ao ser mordido.

Chamando a atenção para estes dois trechos, notamos primeiramente a repetição do campo semântico do desejo pelo uso das palavras “wish” e “desire”. Considerando os aspectos sintáticos, temos “wish” como um substantivo abstrato que remete a algo inalcançável para ser realizado, um desejo de fato abstrato, e o uso da mesma palavra enquanto verbo, remetendo a uma ação que necessita de esforços para se concretizar.

Por meio da questão semântica, notamos também que, além de expressar um duplo desejo, Louis usa a abstração para se referir a sua autodestruição com “self-destruction” e seu desejo de ser completamente condenado com “thoroughly damned”. Posto isso, sua transformação por um lado se refere a um desejo vago de destruição e por outro, a um desejo alcançável de condenação. Retomando ao que Rubin (2018) comenta a respeito das relações que o sexo remetia, indica como a norma institui a Louis uma idéia de punição.

Considerando a descrição final que ele narra ao repórter, ao expressar que sentia o prazer da paixão ao se referir com “pleasure of passion” e relacionar com suas ideias de desejo, Louis se refere a uma prática proibida entre ele e Lestat. Embora suas palavras novamente façam menção ao ato sexual, por se tratar de uma narrativa pessoal do vampiro, descrever que sua transformação remetia ao sexo, seria a maneira “mais palpável” de explicar ao repórter que o que fazia com Lestat era para aquela época impróprio.

O que Louis tenta explicar com palavras que escapam a sua compreensão pode ser traduzido por Rubin (2018, p. 72) como “as leis sexuais provenientes dos pronunciamentos bíblicos se propunham a impedir a aquisição de tipos errados de parceiros afins: [...] mesmo gênero (homossexualidade)”. Diante disso, retomamos a noção de narrador-personagem quando percebemos que Louis tenta explicar, mas quem relata a explicação dele é o repórter.

Nesse segmento, o diálogo que reforça a uma prática proibida, parte do entendimento do repórter a quem Louis está descrevendo a experiência. Assim, aos olhos do leitor, a prática imprópria é a descrição de um olhar externo, que compreende o comportamento de Louis, uma ação que não segue a heteronormatividade, retomando ao que Rubin (2018) explica na citação acima. Dessa forma, a perspectiva do repórter incita que Louis e Lestat ao passar por aquela experiência estavam fugindo da norma.

²¹ Lembro-me que o movimento de seus lábios arrepiou todos os cabelos de meu corpo, enviando uma corrente de sensações através de meu corpo que não me pareceu muito diferente do prazer da paixão... (Rice, 2020, p. 24).

Em histórias de vampiros é comum o vampiro ao amanhecer ir dormir em um caixão, no entanto, Lestat leva Louis para ambos dormirem em um único caixão. “I haven’t prepared your coffin” (Rice, 2014, p. 22).²² Lestat alega que não teve tempo de preparar um caixão só para Louis, embora o caixão não estivesse pronto, o caixão de Lestat estava ali, no quarto. Lestat intima Louis a entrar no caixão e deitar-se por cima dele.

A ideia do caixão para Louis é de medo, ao tentar recorrer outras formas para passar a noite, ele questiona Lestat sobre a possibilidade de dormir em outros ambientes. **“I begged Lestat to let me stay in the closet, but he laughed [...] don’t you know what you are? [...] I realized I had no real fear. It was a strange realization. All my life I’d feared close places”** (Rice, 2014, p. 24, grifo nosso)²³.

Ao Louis mencionar “feared closed places”, podemos elencar esse temor de lugares fechados com a ideia do espaço psicológico de Santos e Oliveira (2001). Desta forma, podemos observar o uso da palavra “closed” com o sentido de proximidade. Logo podemos indicar que o medo de lugares fechados não se tratava somente do caixão, mas essa claustrofobia se dava pelo medo da relação de ambos, pois naquele momento ambos estariam fisicamente próximos em um espaço fechado.

Nesse sentido, podemos observar a ideia de armário “the relations of the closet – the relations of the known and the unknown, the explicit and the inexplicit around homo/heterosexual definition” (Sedgwick, 2008, p. 3). Caracterizando esse espaço a noção de algo implícito com o caixão fechado, explícito e próximo dentro do caixão, nesse ambiente que a sociedade não pode perceber. Ou seja, enquanto ambos estão juntos no caixão, no íntimo e que a sociedade não vê, Louis percebe que não tem de fato esse medo, assim como define pelo de “strange realization”.

Quando percebemos esse temor de Louis em relação a ideia de ambientes fechados e da proximidade, percebemos como é assustador para ele esta exposição. Por conta disso, ao implorar para ficasse no armário, notamos um espaço psicológico, pois Louis lidava com suas questões pessoais sobre como se reconhecia agora enquanto vampiro ao mesmo tempo que problematiza a situação: “I begged Lestat to let me stay in the closet”. Isto é ainda mais conflituoso quando Lestat questiona Louis em tom de deboche, se ele não percebe o que ele é.

²² Já notou que não preparei nada para você? Sou um idiota [...] terá de se deitar comigo, de manhã. Não preparei o seu caixão (Rice, 2020, p. 27).

²³ . Implorei a Lestat que me deixasse ficar no banheiro, mas ele riu [...] não sabe o que você é? – perguntou [...] notei que não sentia um medo real. Era uma estranha descoberta. Durante minha vida inteira tive medo de lugares fechados. (Rice, 2020, p. 29).

Nesta percepção, Louis estar fechado no armário mantém a proximidade de si, ou seja, a exposição dele torna-o distante de sua identidade, e expor seu modo diferente de ser vampiro seria uma consequência quando Lestat questiona-o sobre ele não saber quem era. Podemos entender também que Lestat com a visão fora do armário e comportando-se da maneira que é esperada pela norma, faz com que ele tente corrigir o comportamento de Louis.

Para complementar, James Donald (2000) reforça que a sociedade utiliza uma imagem monstruosa para privar hábitos nos quais ela tem medo de problematizar. Considerando que, Louis a partir daquele momento era de fato um vampiro totalmente transformado, problematizamos ainda mais o ambiente do armário, pois no contexto social estas personalidades monstruosas, anormais, caminham de forma constante para este espaço psicológico, o armário.

Ao assumir-se e lidar com estas questões internas enquanto o espaço externo – estar fora do armário oprime e priva o comportamento – nos leva a perceber como Louis se sente aterrorizado por precisar do caixão para se proteger. Observamos ainda que a sociedade faz exatamente o que Lestat tem feito: desdenha e questiona sobre reconhecer-se como uma imagem monstruosa.

Após dormirem juntos no mesmo caixão naquela manhã, Louis explica ao repórter que sua transformação completa o fazia se divorciar de suas emoções. Durante a entrevista, ele frisa que não era igual ao outro vampiro, e por não ser como ele, sua transformação não iria aproximá-los. Louis havia perdido o encantamento por Lestat devido ao modo como ambos se comportam e portavam diante de seus conflitos e experiências.

Diante dessas experiências que Louis viveu ao lado de Lestat, podemos observar a partir do que Mimi Thi Nguyen (2021, p. 107) define como experiência: “experience is not a thing to be observed that carries inherent value. It is instead a narration that secures the grounds for meaning making”²⁴. O que Louis vivenciou tinha um valor significativo somente para ele, pois enquanto buscava e questionava compreender o que acontecia, Lestat estava a todo o momento instituindo a ele, uma norma, o desdém por ser um vampiro que questionava sua natureza e a experiência.

Desse modo, podemos sintetizar que Louis vivia a contradição entre ser normal e ser queer, percebendo o espaço que estava inserido, era constantemente questionado pela norma, ou seja, Lestat estava sempre incitando o pensamento de que ele deveria ser um vampiro normal

²⁴ “a experiência não é algo a ser observado que carrega valor inerente. Em vez disso, é uma narração que assegura as bases para a criação de significado” (Nguyen, 2021, p. 107, tradução nossa).

assim como ele. Além disso, o espaço social e psicológico de Louis era constantemente afetado por ele sentir o medo da exposição. No entanto, percebemos a contradição ao ver que o narrador era um agente externo e nessa perspectiva, Louis era exposto e seu ambiente psicológico, o armário, era constantemente aberto.

3.3 A vampironormatividade de Lestat

Lestat nos é descrito como um homem alto e delicado nos seus traços físicos, de cabelos loiros e olhos cinzentos. Descrito pela visão de Louis, “Lestat was extraordinary. He was no more human to me than a biblical angel” (Rice, 2014, p. 17). Durante a entrevista, Lestat é descrito não só fisicamente, mas em todos os outros aspectos, pela ótica de Louis. Ele conta ao repórter que Lestat era um homem desconhecido, que viajava com seu velho pai e a princípio, surgiu em sua vida com intenções de usufruir de seus bens.

Lestat e seu pai estavam hospedados na fazenda de Louis, já que seu velho pai era cego e já não tinha mais coordenação motora suficiente para andar, estava sempre com Lestat e passava os dias em uma cadeira de rodas. Durante o passar do tempo, Lestat conversava com Louis, passavam tempo juntos enquanto seu pai era cuidado pelos criados. A relação com seu pai era conflitante e ambos viviam em discussões.

Na noite em que Lestat estava preparando a transformação de Louis, primeiro vai até o quarto de seu pai para verificar se ele já dormia. Percebendo que ainda estava acordado, despediu-se e o acomodou para dormir. Enquanto isso, o velho se queixava, fazendo a seguinte alegação “Such a son, he said, never suspecting, of course, the true nature of his son. All right, then, go. I know you keep a woman somewhere; you go to see her as soon as her husband leaves in the morning” (Rice, 2014, p. 23)²⁵. O diálogo do pai de Lestat ilustra aspectos de um pensamento tradicional para uma sociedade heteronormativa.

Percebemos como a noção de gênero e sexualidade de Lestat é vista por seu pai, ao indicar que ele, por ser homem, saia todas as noites pra encontrar uma mulher. Quando Louis menciona ao repórter que o pai de Lestat não suspeitava a natureza do filho, percebemos como a noção de reprodução está também inserida. Se levarmos em consideração que o diálogo do pai de Lestat carrega um pensamento tradicional, compreendemos que ele reproduz um discurso que a sociedade constantemente valida.

Teresa de Lauretis (2019, p. 126) descreve “a sexualidade como uma tecnologia sexual;

²⁵ Que filho - dizia, sem jamais suspeitar a verdadeira natureza de seu filho. - Está bem, então vá. Sei que deve ter uma mulher em algum lugar; sai para vê-la assim que o marido sai de casa, de manhã (Rice, 2020, p. 28).

dessa forma seria possível propor que também o gênero, como representação e como autorrepresentação, fosse produto de diferentes tecnologias sociais”. A partir dessa visão, percebemos como a noção de representação é instaurada pelo pai de Lestat, tornando mais aceitável a ideia de o filho estar com uma mulher, do que questionar se de fato estava. Pois desse modo, seria mais fácil reproduzir o que já havia construído internamente a respeito da sexualidade do filho.

Ao longo dos dias, após a transformação de Louis, o cenário se revela em um ambiente de conflitos constantes entre os dois. Lestat na condição de criador, sempre que podia tentava impor normas que a Louis, na tentativa de ensiná-lo, Lestat ditava comportamentos que seriam adequados ao modo de ser vampiro. Em um destes conflitos, Lestat zombava de Louis pela maneira como o vampiro queria se alimentar, para ele vampiros deveriam beber sangue humano e Louis se recusava.

Durante o conflito, Louis fica em um estado de cólera e ameaça expulsar da casa Lestat. Na tentativa de amedrontar Louis, Lestat alega que sabia todas as coisas a serem ensinadas ao vampiro: **“I’m your teacher and you need me, and there isn’t much you can do about it [...] don’t get any mortal notions about telling them you are a vampire [...] He then said a score of things to frighten me into complying”** (Rice, 2014, p. 34, grifo nosso)²⁶. Na maioria das vezes, a cena se repetia quando Lestat era contrariado. Seu tom de dominância era sempre uma tentativa de mudar o comportamento de seu companheiro.

Rich (2024, p. 26-27) aponta a questão das formas de poder masculino “a submissão imposta e o uso da crueldade [...] é sexualmente normal”. Diante disso, o modo como esse controle é reforçado, podemos observar o domínio de Lestat sobre Louis ao transformá-lo em vampiro. Esta função de agente da heteronormatividade que Lestat executa, explica como a fragilidade de Louis é sujeita a submissão.

O discurso de Lestat enfatiza essa dominância quando profere a ideia de que ele é o professor de Louis “I’m your teacher” e ao reforçar que ele era necessário para ensinar todas as coisas a Louis, não só mostra a dominância masculina de Lestat sob seu companheiro, como também chama a atenção para comportamentos heteronormativos que categorizar ser professor a ideia de seguir uma norma, que Lestat deve ensinar o que ele tem como modelo correto.

Jack Halberstam (2021) ilustra que a masculinidade se relaciona com as relações de poder diante da sociedade. Ainda, o autor elucida que a ideia de masculinidade não traduz a

²⁶ Sou seu professor, precisa de mim, e não tem muitas alternativas [...] não tenha nenhuma idéia mortal de lhes contar que é um vampiro [...] depois disso começou a fazer uma lista de cuidados que deveriam me assustar (Rice, 2020, p. 38).

questão de agir como homem. Nesse sentido, o que o autor explica ao relacionarmos com a masculinidade que Lestat tenta impor diante de Louis, tem relação com a questão de poder. Ao reforçar que Louis não poderia fazer nada a respeito, notamos o modo como essa normatividade se instala no comportamento de Lestat.

Com isso, observamos que Lestat reforça e reproduz as normatividades de uma sociedade que manifesta a dominância por meio do comportamento. Na definição de Santos e Oliveira (2001, p. 29) compreendemos Lestat como um personagem plano “tipos superficiais, quase caricaturas, marcados por traços fortes e invariáveis”. A partir do uso de uma definição literária, notamos a superficialidade de Lestat, uma reprodução de valores heteronormativos, assim como as ideias que seu pai seguia. Carregando em seu discurso uma herança de normas que para ele eram corretas.

Explorando essa ideia, percebemos também que ao reproduzir a experiência heteronormativa, Lestat tenta normalizar o que Louis tenta problematizar. Na perspectiva de Lestat reforçar as normas sociais, a sua masculinidade e a conduta de sua sexualidade – assim como deduzia seu pai cego, seria uma medida para que Louis não deixasse expostas atitudes que questionassem a norma.

3.4 A vampironormatividade no relacionamento de Louis e Lestat

O momento que marca a vida de Louis é quando está perdendo o seu corpo físico, ele atravessa sua morte humana e vive seu nascer vampiro. “As I look back on this, I still despise him for it. Not because I was afraid, but because he might have drawn my attention to these changes with reverence. [...] But he didn’t. Lestat **was never the vampire I am**” (Rice, 2014, p. 22, grifo nosso)²⁷. Neste momento da transformação, Louis vivenciava uma das mais diferentes experiências e neste momento, ao lado estava Lestat que deixando-o de lado preocupava-se em olhar os documentos da fazenda de Louis.

Após a transformação de Louis, ele faz uma indagação ao narrador externo “do you understand me when I say I did not wish to rush headlong into **experience**, (Rice, 2014, p. 32, grifo nosso)²⁸. Neste momento o vampiro estava apreciando sua nova forma e descrevendo sua vivência, para ele ser vampiro era algo que não deveria ser desperdiçado. Após a indagação, o

²⁷ Quando penso nisso, ainda sinto raiva. Não porque sentisse medo, mas porque ele poderia ter chamado minha atenção para aquelas mudanças com mais respeito. [...] Mas não o fez. Lestat nunca foi um vampiro como eu (Rice, 2020, p. 27, tradução por Clarice Lispector).

²⁸ Compreende-me quando digo que não queria passar depressa demais pelas experiências (Rice, 2020, p. 36).

repórter questiona se as sensações que ele estava sentindo seriam as mesmas de alguém apaixonado, e ele confirmava.

Podemos perceber na construção de ambos os diálogos, que Louis novamente enfatiza a experiência. Além disso por ele se tratar de um personagem esférico “aquelas que apresentam uma caracterização mais analítica, mas sofisticada, uma forma de atuação cheia de nuances e contradições” (Santos; Oliveira, 2001, p. 29). Para ele, as experiências a qual estava vivenciando ao se tornar vampiro, deveriam ser problematizadas.

Nesse sentido, ao expressar “was never the vampire I am” que Lestat jamais seria um vampiro igual a ele, o discurso aponta a problematização que ser queer expressa o fato de seu companheiro não ser igual, não problematizar a norma em ser vampiro, apontava as diferenças de ambos. A partir do que os autores conceituam sobre personagens planos e esféricos, capturamos a distinção entre os vampiros. O fato de um aceitar que ser vampiro é seguir uma normatividade que já era conhecida em lugar de problematizar como o outro.

Leopoldo (2020, p. 29) reforça ao mencionar que “o queer vai questionar esses saberes de forma contundente e propor, a todo momento, que haja dentro desses outros grupos uma mutação”. Desse modo, as palavras de Louis ao expressar que seu companheiro jamais seria igual a ele se complementa a ideia da palavra “experience” que Louis enfatiza. Assim, ao problematizar a normatividade, suas experiências divergem das experiências que Lestat estava vivenciando ao lado de seu companheiro.

Louis e Lestat haviam fugido para a uma fazenda próxima a Point Du Lac. Nesta fazenda Louis conhece uma jovem, que desconhecendo a identidade de Louis, pensava estar conversando todas as noites com um anjo. Eles se encontravam sob a penumbra de cortinas e pela madrugada. Durante o período em que Louis conversava com esta jovem, Babette, ele passava por conflitos com Lestat. Estes conflitos o faziam questionar se era válido continuar ao lado de Lestat e ao mesmo tempo questionava seus sentimentos por Babette.

Ao ser questionado pelo repórter a respeito destes sentimentos, “Babette, the way you speak of her [...] as if your felling was special” (Rice, 2014, p. 59)²⁹. Louis expressa sentir algo pela jovem, no entanto seu conflito com Lestat causava uma confusão do que sentia. O vampiro enfrentava um dilema interno que o fazia refletir sobre quem era, sobre sua necessidade de viver e sobre suas concepções de moralidade em relação aos sentimentos por Babette.

Novamente o narrador externo surge e Louis relata que “my very **nature** I was

²⁹ Babette, a forma como fala dela - falou o garoto. - Como se sentisse algo especial. - Dei a impressão de não poder sentir? - perguntou o vampiro (Rice, 2020, p. 60).

damned” (Rice, 2014, p. 72, grifo nosso)³⁰. Novamente o vampiro menciona a sua natureza e relaciona com a ideia de condenação ao proferir a palavra “damned”. No entanto, Louis está se referindo ao que sente por Babette e enfatiza seu conflito com Lestat. Pelo uso do espaço psicológico, o que chama a atenção não é mais o questionamento de quem ele é, mas sim aquele em relação ao processo de como sua natureza problematiza seus sentimentos.

Como já visto, Butler (2019) teoriza a questão da performance de gênero, de modo semelhante ao abordar a respeito desta questão de performance, Patricia Rosa (2012, p. 49) reitera que “o corpo, então, tem seu uso determinado cultural/socialmente e a quebra daquilo que foi instituído aparece como uma ameaça tanto à ordem social, quanto ao próprio indivíduo”. Ao questionar sua natureza, Louis expressa que desenvolver sentimentos por Babette era aceitável para ele até certo ponto, mas a partir do momento em que condenava sua natureza, entrava em colapso com a relação entre Lestat, ou seja, a ideia do natural em sentir algo por Babette, era o esperado pela sociedade, mas ao mesmo tempo a ideia de condenação remetia ao conflito com Lestat.

Em suma, ao observarmos que enquanto Louis se questionava sobre seus sentimentos esperados pela norma, ele entrava em conflito com sua percepção pessoal de identidade, sua natureza era problematizada ao questionar o que sentia por Lestat. Ainda, ao tentar definir suas experiências, entrava em atrito com as experiências de Lestat, e estas eram esperadas pela norma e nem eram problematizadas.

³⁰ me atinha à grande questão moral: se minha própria natureza era maldita ou não (Rice, 2020, p. 72).

4 MY LAST SUNRISE³¹

Por diversas vezes a literatura tem nos apresentado estórias de vampiros que seduzem suas vítimas. A maioria destas mulheres, atraídas por estes vampiros, são ponto de partida para enredos românticos. Na maior parte do enredo, podemos observar padrões que quase sempre ou até mesmo todas as vezes, descrevem vampiros com características que reforçam suas masculinidades e vítimas que reforçam fragilidade. Encontrar nesses enredos, vampiros que problematizam esse comportamento é escasso na maioria das obras literárias.

Posto isto, esta monografia visou responder à seguinte questão: De que forma a heteronormatividade se transforma em vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]) à luz dos estudos queer? A fim de responder essa pergunta, o seguinte objetivo geral foi proposto: Investigar de que forma a heteronormatividade se transforma em vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]) à luz dos estudos queer? Para alcançar este objetivo, estabelecemos os objetivos específicos: (i) Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer, à luz dos conceitos de gênero e sexualidade, heteronormatividade; (ii) Identificar quais aspectos da heteronormatividade podem ser aplicados na vampironormatividade na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]); (iii) Saber como os aspectos da vampironormatividade afetam o relacionamento entre os personagens Louis e Lestat na obra literária *Interview with the vampire* (2014[1976]).

Por meio das lentes interpretativistas, foi possível afirmar nas análises que Louis e Lestat vivenciavam um relacionamento problematizado pela sociedade. Embora não contenha passagens explícitas que reafirmem a relação amorosa dos vampiros, observamos pela maneira de contextualização das experiências de Louis, que as suas vivências ao lado de Lestat tinham relação com aspectos de uma relação homoafetiva.

No que diz respeito aos aspectos da heteronormatividade que tratavam da vampironormatividade, foi possível perceber que ao apontar as experiências de Louis, constatamos aspectos que buscavam reforçar uma instituição para que o vampiro tivesse o comportamento esperado pela sociedade. Ainda, constatamos que por problematizar suas vivências mesmo depois de transformado, era sempre algo de correções pedagógicas por parte de seu companheiro Lestat. Ao expor sua história ao repórter, era questionado acerca do que

³¹ Frase proferida por Louis ao se desvincular de suas últimas experiências humanas e sua última lembrança antes de se tornar vampiro.

vivia ao lado de Lestat, a heteronormatividade estava sempre presente ao redor de Louis, que nem mesmo conseguia explicar o que viveu ao lado de Lestat.

Partindo das análises sob a perspectiva do comportamento de Lestat, foi possível compreender que ele vivenciava a própria heteronormatividade, a partir do momento em que reforçava uma heterossexualidade a seu pai, ao modo como submetia Louis a uma dominação, e ainda ao reprimir Louis de questionar sua identidade. Logo, podemos inferir que a vampironormatividade estava sendo moldada nos embasamentos de silenciamento de Louis, em não poder questionar sua identidade, nas correções pedagógicas de Lestat ao inferir que existia um modo correto de ser vampiro.

No que concerne aos aspectos desta vampironormatividade, Louis e Lestat teriam um relacionamento constantemente problematizado e viviam estes conflitos no desconhecido, pois sempre havia a ideia de que se outros vampiros souberem quem ele era ou como era, morreria. Além disso, esta normatividade estava presente não só quando Louis e Lestat vivenciavam no omissso, mas também quando Louis conhece uma jovem e questiona o que realmente sente. Também podemos constatar um armário simbólico, a partir do momento em ambos dormem em um mesmo caixão, o que nos mostra como o interno afetava Louis por sentir medo de locais fechados.

Podemos inferir que estes comportamentos, mesmo que em universo ficcional nos revelam que, até mesmo para um vampiro, questionar sua natureza é visto como algo impróprio, que vampiros, seres diferentes da norma, não têm permissão social de questionar sua identidade. A vampironormatividade apresenta não só simbologias ao expressar a ideia do caixão como ambiente de opressão, mas também ao fato de que um vampiro não possa comporta-se de um modo que não é esperado, um vampiro queer que problematiza o sistema de vampiros ao chamar a atenção de sua sexualidade, de se reconhecer ao todo o tempo.

Percebemos que na realidade, o vampiro é um ser anormal, diferente. De certo modo, ser queer é ser alguém estranho, e com isso percebemos que a heteronormatividade tem se instaurado de forma tão agressiva, na sociedade, que uma obra literária de outra época ainda chama a atenção para o olhar da atualidade, quando observamos e analisamos que estas normas atuais ainda estão presentes no passado e em um universo ficcional.

Em síntese, a vampironormatividade reforça a ideia de que embora um vampiro busque reconhecer sua identidade, sua própria espécie o ameaça e procura punições do mundo externo para que seu comportamento seja reprimido e silenciado. Embora seu companheiro Lestat estivesse sempre ao seu lado, Louis vivenciava experiências sob a sombra da noite, pois a omissão era o único espaço que lhe permitiam estar.

Mesmo que os comportamentos de Louis chamassem a atenção de Lestat, ele já vivenciava um comportamento que naturalizavam tentativas de práticas punitivas a Louis. Em razão dessa naturalização, Lestat não percebia e nem questionava sua normatividade pois já reproduzia a muito tempo o comportamento esperado por vampiros normais. Reconhecer e modificar algo que já está enraizado internamente, na maioria das vezes é inútil. Pois temos a tendência de reproduzir o que já conhecemos.

Diante dos achados baseados em nossas lentes interpretativistas, as análises destacaram que o objetivo geral e específico e a pergunta da pesquisa mencionados acima, foram satisfatoriamente alcançados. Contudo, as análises exploraram uma pequena parte de um extenso universo literário da autora Anne Rice. Com isso, esperamos que este trabalho seja ponto de partida para desbravar a proposta de conceituar a vampironormatividade.

No que concerne às dificuldades para a realização da pesquisa, primeiramente pontuamos a complexidade não só da obra literária, mas também de autores de grande prestígio na seara dos estudos queer, pois devido a complexidade a estas leituras, foram retomadas cansativas e revisadas incansáveis para obter a apropriação adequada dos conceitos. Além disso, abordar gênero foi uma das complexidades que também delegaram um peso enorme, uma vez que tal temática exigiu cuidadosa atenção para seguir uma linha de raciocínio coerente.

No que diz respeito à retomada de expectativas, esperamos que esta monografia seja inspiração não só para um universo de vampiros, mas também um incentivo a pesquisar personagens queers de obras mais antigas. Em nível acadêmico, esperamos que este trabalho possa contribuir com o acervo de monografias do curso de Letras Inglês da UESPI – campus Parnaíba.

Em tom de despedida, esta pesquisa me³² afetou, pois, a minha dedicação me fez evoluir como pessoa, estudante e pesquisadora, e que todas as noites em claro, lágrimas derramadas e auto cobranças me fizeram ser firme e persistente para produzir um trabalho que inspire outros acadêmicos, a comunidade e a quem se interessar adentrar nesse universo de vampiros queer.

³² Narrativa em primeira pessoa do singular, por se tratar de reflexões a nível pessoal.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Adrianna; GIROLDO, Ramiro. A Transformação Vampírica em Entrevista com o Vampiro, na obra de Neil Jordan. **Seminário Nacional de Línguas e Linguagens da UFMS/CPAQ e Seminário da Sociedade dos Leitores Vivos**, p. 63-74, 2021.
- ASSIS, Vanessa da Conceição Davino de. Entrevista com o Vampiro: do romance gótico ao filme de terror. 2013.
- BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.
- BORBA, Rodrigo. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.
- BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-229.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. Tradução da 3.ed e revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015
- CULLER, Jonathan. Literary Theory: A very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- DE LAURETIS, Teresa. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.
- DONALD, James. **O que está em jogo nos filmes de vampiro?**. In: Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, p. 23-60, 2000.
- DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista**. Crocodilo, 2021.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **O que é crítica literária?**. Nankin, 2020.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILL-PETERSON, Jules.30. Gender. In: **Keywords for Gender and Sexuality Studies**. New York University Press, 2021. p. 119-124.
- HALBERSTAM, Jack. 43. Masculinity. In: **Keywords for Gender and Sexuality Studies**. New York University Press, 2021. p. 148-150.
- JAGOSE, Annamarie. **Queer theory**: An introduction. nyu Press, 1996.
- KAUARK, Fabiana da Silva. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa**: um guia prático. Bahia: Via Litterarum, 2010.
- LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento queer**. 2020.

- LIMA, Dante Luiz et al. **Bloody eroticism in interview with the vampire**: from literature to the audiovisual domain. 2007.
- LOURO, G. L. 2001. Teoria Queer: uma perspectiva pós-identitária para a Educação. **Revista de Estudos Feministas** 9(2):541-553.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Autêntica, 2018.
- LORDE, Audre et al. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. In: **Fundamentos de metodologia científica**. 2003. p. 311-311.
- NGUYEN, Mimi Thi. 26. Experience. In: **Keywords for Gender and Sexuality Studies**. New York University Press, 2021. p. 85-87.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. In: **Congresso de leitura do Brasil**. 2007. p. 10-12.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Autêntica, 2017.
- MORGENSEN, Scott L. 33. Heteronormativity. In: **Keywords for Gender and Sexuality Studies**. New York University Press, 2021. p. 111-113.
- NETO, José A. Chehuen. Metodologia da Pesquisa Científica: da graduação à pós-graduação. **Curitiba: CRV**, 2012.
- PERRONI, Thaís Cattani; APOLINÁRIO, Eleonora Beatriz Ramina; GRALAK, Mariana Mehl; MANFREDINI, Giulia Aniceski; MINATOGAWA, Mayume Christine. As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969): “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015). **Epígrafe**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 7, p. 97–108, 2019. DOI: [10.11606/issn.2318-8855.v7i7p97-108](https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v7i7p97-108). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/154048>.. Acesso em: 1 ago. 2024.
- RAGNARSDÓTTIR, Ingunn Anna. **The Vampires of Anne Rice. From Byron to Lestat**. 2019. Tese de Doutorado.
- RICE, Anne. **Interview with the Vampire**. Ballantine Books, 2014.
- RIBEIRO, Uenderson Wesley Rodrigues; DA LUZ MATOS, Rosângela. Heteronormatividade e produções de violências lgbtfóbicas: análise a partir da teoria queer. **REVES-Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 4, p. 06001-06012, 2020.
- RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- ROSA, Patrícia. Gênero: Performativo ou Ontológico?. **PERI**, v. 4, n. 1, p. 46-56, 2012.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

SOUTO JÚNIOR, Elio Marques. LENDO O VAMPIRO NA CONTEMPORANEIDADE: UMA PERSPECTIVA CRÍTICO-QUEER. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, p. 29. 2016.

SOUZA, Roberto Acízelo. Crítica literária: seu percurso e seu papel na atualidade. **FLOEMA. Caderno de Teoria e História Literária**, n. 8, 2011.

SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

SANTOS, Luís Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessôa. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS MOSCHETA, Murilo; DA SILVA FÉBOLE, Daniele; ANZOLIN, Bárbara. Visibilidade seletiva: a influência da heterossexualidade compulsória nos cuidados em saúde de homens gays e mulheres lésbicas e bissexuais. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 7, n. 3, p. 71-83, 2016.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Univ of California Press, 2008.

SOUZA, R. A. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

TOUAHRIA, Wadie. **The Portrayal of the Male Vampire in Bram Stoker's Dracula (1897) and Anne Rice's Interview with the Vampire (1976): a Comparative Study**. Tese de Doutorado. Ministry of Higher Education, 2019.

TYSON, Lois. **Critical theory today: a user-friendly guide**. 3. ed. New York, London: Routledge, 2015.

WARNER, Michael et al. (Ed.). **Fear of a queer planet: Queer politics and social theory**. U of Minnesota Press, 2004.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 83-92, 2019.

ZAPPONE, M. H. Y; WIELEWICKI, V. H. G. **Afinal, O que é literatura?** In: BONNICI, T; ZOLIN, O (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: lendo como mulher. **FronteiraZ**, n. 7, p. 64-74, 2011.